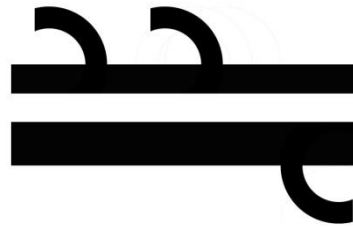


CONTEMPORARY UNMASKING

International Conference | Colóquio Internacional

1º Encontro Práticas e Políticas da Cultura 2016

Museu Nacional de Etnologia



1º ENCONTRO
PRÁTICAS E
POLÍTICAS
DA CULTURA
2016

ÍNDICE

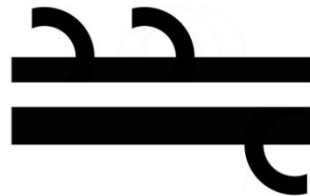
Apresentação	3
Mensagem das coordenadoras do Grupo	4
Comunicações apresentadas no colóquio <i>internacional Contemporary Unmasking</i> / 1º Encontro Práticas e Políticas da Cultura	5
Sacudir a Poeira: interrogações contemporâneas sobre colecções e arquivos por Francisca Alves Cardoso, Inês Ponte e Frederico Delgado Rosa	6
<i>Sem Título</i> (Práticas Artísticas e Performance) por Joana Almeida, Paulo Raposo e Diana West	32
<i>Displays</i> , consumos e patrimónios: percursos contemporâneos da cultura por Arlindo Horta, Inês Lourenço e Gláucia Péclat	41
«Vidas segundas»: antropologia, museus e património por Vera Marques Alves, Marta Prista e Rita Jerónimo da Silva	49
Turismo e Diversidade Cultural na Atratividade dos Territórios Por Eunice Lopes e Raquel Moreira	59

CONTEMPORARY UNMASKING

International Conference | Colóquio Internacional

1º Encontro Práticas e Políticas da Cultura 2016

Museu Nacional de Etnologia



1º ENCONTRO PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA 2016

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Investigação "Práticas e Políticas da Cultura" organiza o seu 1º Encontro sob a forma de colóquio internacional, cujo principal objetivo é o de facultar aos seus membros a oportunidade de melhor se darem a conhecer uns aos outros, de partilharem entre si as suas pesquisas e pontos de vista, criando um fermento de novas possibilidades, caminhos, parcerias e projetos. Através do Colóquio/Encontro, o Grupo exprime também o seu orgulho na diversidade dos seus membros, sejam "decanos" ou jovens doutorandos, portugueses ou de outras nacionalidades, etc.

Foram preliminarmente identificadas no seio do Grupo diversas áreas de interesse, no âmbito das pesquisas e reflexões individuais dos seus membros, as quais confirmam uma forte correspondência com as estratégias programáticas do grupo. Foi lançado um apelo - ou repto! - com vista à constituição de equipas, cuja missão consistiu em fazer uma leitura transversal das diversas pesquisas individuais levadas a cabo em algumas grandes áreas, nomeadamente Coleções e usos do arquivo, Práticas Artísticas e Performance, Museus e Património, e Turismo, sem esquecer pontes com outras e diversas áreas de pesquisa dos membros do Grupo (ver ponto 5, "Áreas de estudo do Grupo de Investigação"). Esse foi o mote das comunicações do 1º Encontro, com aquele grande objetivo em mira.

Espera-se que, em futuras edições, outros formatos e outras ideias ganhem forma, respondendo a novos objetivos e às próprias transformações do Grupo de Investigação e da Antropologia Contemporânea.

MENSAGEM DAS COORDENADORAS DO GRUPO

Caros Amigos,

2016 é um ano especial para o nosso Grupo de Investigação "Práticas e Políticas da Cultura". Pela primeira vez nos encontramos todos - ou quase todos, pois algumas pessoas estão longe geograficamente - numa ocasião de convívio, de partilha de ideias e de experiências, em torno de áreas de interesse científico que nos congregam no seio do CRIA. Esse é, antes de mais, o verdadeiro sentido do colóquio internacional "Contemporary Unmasking", 1º Encontro Práticas e Políticas da Cultura 2016, tendo por galhardo anfitrião o Museu Nacional de Etnologia e o seu Diretor¹, Paulo Costa, a quem muito agradecemos. Também uma palavra de reconhecimento a todos os membros do nosso Grupo que responderam aos diversos apelos lançados no âmbito do Colóquio/Encontro. Os membros das equipas responsáveis pelas comunicações fizeram um admirável trabalho de leitura transversal das investigações individuais, cobrindo áreas de investigação como Museus e Património, Turismo, Práticas Artísticas e Performance, Coleções e Usos do Arquivo, entre outras. Mas esse trabalho não teria sido possível sem os contributos de cada um de vós! Também o nosso obrigado aos incansáveis organizadores, Joana Lucas e Frederico Delgado Rosa, bem como ao CRIA, pelo inestimável apoio. E um agradecimento especial à nossa keynote speaker, Elizabeth Edwards, que nos honrou a todos com a sua presença, bem como a Robert Rowland pela sua apaixonante leitura pessoal e pelo debate que suscitou. O presente Anuário é ao mesmo tempo um complemento e um espelho do espírito do Encontro, pois o seu objetivo maior é precisamente o de nos darmos a conhecer melhor uns aos outros. Temos a certeza de que cada um de vós partilha a nossa expectativa de futuros ENCONTROS, em torno deste grande tema antropológico - Práticas e Políticas da Cultura - que, de uma forma ou de outra, nos une.

Um abraço amigo,

Nélia Dias

Sónia Vespeira de Almeida

Coordenadoras do Grupo de Investigação "Práticas e Políticas da Cultura" CRIA -
Centro em Rede de Investigação em Antropologia

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NO COLÓQUIO INTERNACIONAL
"CONTEMPORARY UNMASKING"/1º ENCONTRO PRÁTICAS E POLÍTICAS DA
CULTURA 2016, 8 DE OUTUBRO DE 2016,

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA

SACUDIR A POEIRA: INTERROGAÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE COLECÇÕES E ARQUIVOS

por Francisca Alves Cardoso, Inês Ponte e Frederico Delgado Rosa

NOTA: os autores usam o antigo acordo ortográfico

INTRODUÇÃO

No âmbito do 1º Encontro do Grupo de Investigação Práticas e Políticas da Cultura (PPC) do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), e com o objectivo de proceder a uma reflexão transversal sobre as diversas investigações associadas à área de estudo “Colecções e Usos do Arquivo”, e ao trabalho desenvolvido pelos 19 investigadores associados à mesma, endereçámo-lhes via email um pedido de contributo. Pedimos que resumissem a(s) investigação(ões) que desenvolveram ou se encontram a desenvolver, dentro da área – Colecções e Usos do Arquivo; especificando o(s) arquivo(s) e/ou colecção(ões) que utilizaram e utilizam, e uma síntese da abordagem metodológica e teórica, assim como quatro palavras-chave e, se pertinente, alguns dos resultados dessa mesma investigação (publicações ou outros).

Dos 19 investigadores, 14 remeteram-nos os seus contributos. Responderam-nos, em número bastante semelhante, estudantes de doutoramento, investigadores recém-doutorados, investigadores já mais estabelecidos, e outros consolidados. Ao longo da comunicação, iremos fazer referência e citar dessas 14 sinopses elaboradas no contexto deste encontro, de forma a ilustrar alguns eixos temáticos, teóricos e metodológicos que identificámos em modo transversal. Assumindo forçosamente, pela nossa parte uma forma de esboço, apresentamos neste *working paper* a nossa análise para que todos possamos acrescentar, aferir, comentar, e certamente corrigir ou aperfeiçoar no futuro o que aqui se apresenta. Interessamo-nos tanto a possibilidade de lançar um fundo de discussão sobre como têm sido os arquivos e colecções usados por investigadores no âmbito do grupo PPC, como dar

a conhecer, mesmo desta forma introdutória, o trabalho de todos os nossos interlocutores, com todas as limitações e vantagens inerentes a este formato.

Para nos ajudar a perceber tendências no conjunto das investigações levadas a cabo dentro do grupo das *Colecções e Usos do Arquivo* no PPC, pareceu-nos relevante tentar sintetizar o tipo de arquivos e colecções referidos pelos investigadores (ver Tabela 1).

TABELA 1. Tipologias de colecções, arquivos e fundos usados por investigador

Total investigadores	TIPOLOGIA DE COLEÇÕES E ARQUIVOS	Agnela Barros Wilper	Cristina Sá Valentim	Francisca Alves Cardoso	Frédéric Vidal	Frederico Delgado Rosa	Hugo Castro	Inês Ponte	Jorge Freitas Branco	Nélia Dias	Nuno Porto	Sofia Sampaio	Sónia Vespeira de Almeida	Tânia Madureira	Vera Marques Alves
12	Arquivo publico (online, Diamang; universitário; museus)	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X
5 (3)	Arquivo privado (do autor)				X		X	X	X				X		
6	Colecção publica (canções; restos humanas, instrumentos de trabalho; científicas; etnográficas, populares)		X	X						X	X			X	X
1	Colecção privada (discos)						X								
8 (7)	Arquivo documental		X		X			X	X?		X		X	X	X
5	Arquivo fílmico		X		X			X			X	X			
5	Arquivo sonoro		X				X	X?			X		X		
6 (5)	Arquivo online	X	O			X		X			X			O	
9	Colecções com componentes documentais (contos; inventário; registos de óbitos)	X	X	X		X				X	X		X	O	X
9	Colecções com componentes visuais (fotografia, desenho, filmes)		X	X	X			X			X	X	X	X	X
5	Colecções com componentes sonoras (canções)/produção de entrevistas		X				X				X		O		X
2	Colecções restos humanos esqueletizados			X						X					
7 (6)	Colecções materiais (artefactos [bonecas, discos], outros)		X	X			X		X	X				O	X

Nota: em tom mais escuro surgem eixos que os investigadores propuseram após o nosso pedido de confirmação e/ou alteração. Na coluna dos totais, alterações surgem a castanho, e entre parentesis encontra-se a nossa primeira percepção.

X	indica uso na pesquisa
O	indica produção na pesquisa

Numa primeira observação dos dados apresentados na Tabela 1 convém salientar que não fizemos nenhuma tentativa de procurar definir o que é um “arquivo” ou uma “coleção”. Tornou-se claro para nós de que qualquer tentativa de definição, ou de estabelecer balizas para estes conceitos através do material que recolhemos seria em si uma discussão adicional demasiado vasta para o espaço de reflexão que dispúnhamos. Assim, optámos por utilizar estes termos informalmente, e reter o desafio desta discussão fundamental para um outro contexto onde lhe pudéssemos fazer toda a justiça que precisa.

No que concerne a interpretação dos principais resultados resultantes da Tabela 1, salienta-se que se por um lado a mesma não é ilustrativa do facto de cerca de metade dos investigadores desenvolver as suas pesquisas recorrendo a vários arquivos e/ou coleções; por outro lado, a mesma tabela permite perceber que muitos investigadores recorrem ao uso simultâneo e plural de várias fontes e materiais numa mesma pesquisa, consistindo esta na articulação de diferentes fundos documentais, visuais, sonoros e/ou materiais (ver Fig. 1).



Fig. 1. Combinação de métodos: "Estas imagens mostram materiais etnográficos do espólio da Diamang (década de 40 a 60) do arquivo documental, fotográfico e sonoro em depósito em Portugal, a serem comentados em Angola pelas pessoas que [este espólio] representou há 60 anos.

Em 2014 levei a Angola esses materiais em formato digital. Nas Lundas procurei angolanos e angolanas [com origem] Cokwe que partilhassem comigo as suas memórias e pós-memórias coloniais através dessas fontes de arquivo. Essas pessoas viram as fotografias, leram apontamentos meus sobre dados que pesquisei no arquivo e ouviram canções que falavam desse tempo, um tempo que ficou marcado pelo trabalho contratado. Comentaram o que viam e ouviam, recordaram canções tradicionais que eu ainda não conhecia e cantaram versões das canções que estavam guardadas no arquivo desde 1950." Cristina Valentim.

A par da identificação da tipologia de colecções e arquivos, o contributo dos vários investigadores levou-nos à identificação de três eixos de interrogações contemporâneas sobre os arquivos e colecções utilizados e estudados pelos investigadores. Assim destacamos como eixos:

- A. Pesquisas de enquadramento historicista de colecções e arquivos históricos
- B. Pesquisas de enquadramento contemporâneo de colecções e arquivos históricos
- C. Espólios em transformação e pesquisas sobre colecções e arquivos contemporâneos.

A estes 3 eixos principais, acrescem outros que nos pareceram também relevantes apresentar aqui, nomeadamente o interesse por desenvolver pesquisas com uma vertente de impacto social, em particular de comunicar resultados, ou mesmo processos, da investigação à sociedade mais vasta (D). Apontamos também na Tabela 2 outros eixos como pistas que gostaríamos de salientar, mas cuja discussão não é contemplada neste *working paper*.

O número de investigadores alocados a cada um dos eixos pode ser consultado na Tabela 2. Sublinhamos que estes números não representam o total de investigadores, mas apenas as pesquisas onde um mesmo investigador pode encetar por diferentes abordagens. Realçamos também que seguimos o eixo temporal para as apresentar, começando pelas pesquisas sobre arquivos e colecções com carácter histórico e avançando para focos contemporâneos. Convém também lembrar que a distribuição dos investigadores por cada um dos eixos e suas subdivisões (Tabela 2), resulta de uma primeira análise exploratória do contributo de cada investigador. Note-se que após a apresentação pública do trabalho, convidámos os investigadores a comentar a distribuição proposta (abordagem também seguida na Tabela 1), e a submeter comentários com

objectivo de confirmar a sua inclusão num eixo em particular, e/ou sugerir alteração (ver Tabela 2 com o resultado deste contributo adicional).¹

¹ Podendo somente oferecer aos investigadores um curtíssimo espaço de tempo, recebemos em tempo útil 10 respostas (em 14), as quais novamente agradecemos.

TABELA 2. Eixos de investigação e outras problemáticas

EIXO	Total investigador	Subdivisão dos Principais Eixos das Investigações	Agnela Barros Wilper	Cristina Sá Valentim	Francisca Alves Cardoso	Frédéric Vidal	Frederico Delgado Rosa	Hugo Castro	Inês Ponte	Jorge Freitas Branco	Nélia Dias	Nuno Porto	Sofia Sampaio	Sónia Vespeira de Almeida	Tânia Madureira	Vera Marques Alves
A	8	A ciência colonial como objeto de estudo: enquadramento historicista das coleções e/ou arquivos; trajetórias dos acervos e dos sujeitos e instituições que os constituíram.		X			X		X	X	X	X	X		X	
	6	As práticas colecionistas e arquivísticas metropolitanas como objecto de estudo: enquadramento historicista/contextual das coleções e/ou arquivos; trajetórias dos acervos e dos sujeitos e instituições que os constituíram.			X	X			X	X			X			X
	5	A ciência colonial como objeto de estudo: enquadramento historicista das comunidades estudadas, recuperação de vozes silenciadas.	X	X			X		X	X						
	4	As práticas colecionistas e arquivísticas metropolitanas como objeto de estudo: enquadramento historicista/contextual das comunidades envolvidas na constituição dos acervos.			X	X				X			X?			
	10	Relação entre os arquivos/coleções e a história da antropologia; arquivo colonial/arquivo etnográfico (entre outros).	X	X	X		X		X	X	X	X			X	X
B	6	As coleções e arquivos como terreno contemporâneo: etnografias dos agentes envolvidos nas narrativas de conservação, exposição e interpretação.			X		X		X	X			X		X	
	7	Sentidos contemporâneos do arquivo e das coleções para as comunidades histórica ou biograficamente relacionadas com os respetivos conteúdos (sujeitos pós-coloniais/vozes locais, narrativas de construção da nação, indigenous research, etc.; ultrapassar dicotomias entre observadores e observados).	X	X	X		X		X	X					X	
C	6 (5)	Espólios em transformação; arquivos e coleções contemporâneos como objecto de estudo. enquadramento contextual das coleções e/ou arquivos; trajetórias dos acervos e dos diversos sujeitos e instituições envolvidos.			X	X		X	X	X				X		
	13 (11)	Cruzamentos entre A e B: coleções e arquivos como alvos em movimento, suscetíveis de (re)interpretações.	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	11 (8)	Questões metodológicas: o arquivo como recurso para o estudo de coleções (entre outros)		X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X
D	10 (9)	Potencialidades sociais da pesquisa; ciência para a sociedade.	X	X	X	X			X	X		X	X	X?		X
	2	A última fronteira: a "descolonização inacabada" da Antropologia biológica / possibilidade de articulação original entre "o culto dos ossos" no período colonial e o questionamento das coleções modernas.			X						X					

Nota: em tom mais escuro surgem eixos que os investigadores propuseram após o nosso pedido de confirmação e/ou alteração. Na coluna dos totais, alterações surgem a castanho, e entre parentesis encontra-se a nossa primeira percepção.

No que concerne os eixos que propomos, o que representam e como foram construídos, poderão por exemplo perguntar quais as balizas que distinguem o que é contemporâneo do que é histórico. O nosso principal critério foi a distinção, suficientemente consensual em Antropologia, entre os períodos colonial e pós-colonial, fazendo coincidir a contemporaneidade com o segundo período contextualizado de uma forma óbvia, por exemplo com o ano de 1974 a ganhar primazia no caso português. De qualquer forma, e seguindo este critério cronológico, sublinhamos que o enquadramento de colecções e arquivos contemporâneos também pode incluir uma dimensão historicista.

Referimos, desde já, um caso concreto que ilustra bem esta ideia - o da pesquisa de Hugo Castro:

"Em particular, a minha investigação incide nas práticas da canção popular portuguesa e nas relações de músicos, editoras e outros agentes com organizações políticas e partidárias no período após o Golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, até 1979. Para tal, um dos métodos de análise e pesquisa tem sido o uso da minha coleção particular de cerca de trezentos fonogramas, na sua maior parte em formato de disco de vinil, editados nesse período. **Para além de constituírem repositórios materiais da gravação e edição, permitem igualmente que se pense em diferentes aspectos relacionados com as práticas performativas no período revolucionário.**"

Hugo Castro, sinopse para o 1º Encontro Práticas e Políticas da Cultura (PPC), 2016 (negrito nosso)

Castro discute, a partir da sua própria colecção de discos, o papel e as práticas de criação e performance dos cantautores portugueses no período 1974-1979.

A maior parte das pesquisas de cada investigador atravessam mais do que um dos eixos, mas para já iremos abordá-los separadamente. Dentro de cada eixo, pareceu-nos pertinente proceder a algumas subdivisões, que passamos a expor sequencialmente.

A. ENQUADRAMENTO HISTORICISTA DE COLECÇÕES E ARQUIVOS HISTÓRICOS

Relativamente ao eixo de enquadramento historicista de colecções e arquivos históricos, a maior parte das pesquisas (num total de 13) versam sobre colecções e arquivos directamente relacionados com contextos coloniais, sobretudo do universo colonial português, sendo algumas dedicadas a outros universos coloniais. Outras pesquisas neste eixo versam sobre colecções e arquivos sem relação directa com o colonialismo (num total de 10), embora possam ter tido ocorrência histórica em países colonizadores, incluindo Portugal, que é justamente o caso das pesquisas em causa. Para designar estes contextos de investigação, optámos pelo termo metropolitano.

Subdividimos ainda as abordagens históricas em duas outras grandes vertentes: por um lado investigações com um foco num enquadramento dos agentes e instituições que constituíram os arquivos e colecções (14: 8 em contextos coloniais + 6 em contextos metropolitanos), e por outro lado com um foco num enquadramento das comunidades estudadas (11: 5 investigações focadas em contextos coloniais + 6 em contextos metropolitanos).

É no cruzamento destas quatro vertentes - colonial/metropolitano (A/B) e agentes constitutivos/comunidades estudadas (1/2) - que evocaremos algumas pesquisas em concreto. Salientamos que os critérios a que lançamos mão têm um valor puramente metodológico, com uma finalidade comparativa no contexto deste Encontro, e não procuram escamotear outras possibilidades de leitura a partir do material que recebemos dos investigadores, ou mesmo as circulações e conexões várias, complexas e ambíguas entre os diferentes agentes e comunidades.

Para dar um exemplo do cruzamento na vertente historicista com foco na constituição de colecções e arquivos (A1) e simultaneamente nas comunidades sobre o qual incide o arquivo (A2), sublinhamos o trabalho de CRISTINA VALENTIM, que desenvolve uma pesquisa centrada na acção cultural da Diamang (a ex-Companhia de Diamantes de Angola) no âmbito da designada Missão de Recolha de Folclore Musical realizada em colaboração com o Museu do Dundo.

"O objetivo tem sido explorar as complexidades das relações coloniais nas suas dimensões simbólicas, epistemológicas e identitárias a partir quer da produção colonial das coleções musicais de Folclore Musical Indígena, quer dos conteúdos, da performance e do lugar dessas canções no seio dessas comunidades rurais angolanas da Lunda, em particular as populações Cokwe. **Sugere-se que as canções Cokwe de Folclore Indígena participaram em políticas coloniais de controlo como também nos engajamentos das comunidades angolanas nas novas realidades coloniais, e cuja análise permite aceder a um conjunto de lógicas complexas e ambíguas que entrelaçam dinâmicas de controlo e estratégias retóricas de resistência, e os idiomas da tradição e da modernidade.**"

Cristina Valentim, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Neste excerto da sua sinopse, percebemos bem que ambas as vertentes estão contempladas e imbricadas, remetendo para "um conjunto de lógicas complexas e ambíguas". Reiteramos pois que os critérios a que recorreremos são essencialmente um recurso expositivo; havendo sempre espaço para o "desmanchar" das aparentes dicotomias. Para tal, a Tabela 2, apresentando a sistematização dos eixos e de outras problemáticas que desenhámos a partir das sinopses recebidas, poderá ajudar a mostrar os investigadores cujo trabalho atravessa vários dos eixos que estabelecemos.

A.1. Enquadramento dos Agentes e Instituições que Constituíram os Arquivos e/ou Coleções Históricas

Começamos então pelo enquadramento historicista dos agentes e instituições que constituíram arquivos e/ou colecções propriamente COLONIAIS. Estamos perante a ideia de uma ciência colonial como objecto de estudo, com um primeiro enfoque nos sujeitos e instituições que constituíram e manipularam as colecções e/ou arquivos. O respectivo enquadramento passa pelas tentativas de reconstituição das trajectórias dos acervos em função da sociedade colonial.

"A fotografia da Diamang abria-se para pensar a cultura colonial da empresa, por um lado, e para pensar as várias modalidades da imagem fotográfica nas suas dimensões materiais: o negativo e os múltiplos

positivos, as relações entre imagens e legendas, imagens e suportes de circulação e, finalmente, consumo. A instabilidade semântica das imagens fotográficas, o facto de elas reterem a mesma eficácia para dizer o mesmo e o seu contrário, conduziu a outras inquirições e acabou por se tornar no **fio de um novelo que ligava o trabalho científico e o trabalho museológico com uma noção de cultura colonial na Diamang.**"

Nuno Porto, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Retomando o caso do acervo da Diamang, nomeadamente o fotográfico, NUNO PORTO situa-se claramente nesta vertente, até chegar enfim, citamos, ao "novelo que ligava o trabalho científico e o trabalho museológico com uma noção de cultura colonial na Diamang."

A pesquisa de INÊS PONTE, que contempla uma articulação entre diferentes arquivos e colecções, não se esgota mas sem dúvida inclui o enquadramento historicista dos agentes que constituíram uma das colecções históricas do Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa, a de bonecas do Sudoeste de Angola recolhidas entre os anos 1950 e 1970. Salientamos, citando Inês Ponte, "a atenção dada a[o] tópico [de penteados, vestuário e adornos] na investigação produzida no tempo colonial, em especial sobre as mulheres do Sul de Angola" (sinopse, 1º Encontro PPC).

A pesquisa de TÂNIA MADUREIRA também aponta muito claramente para esta vertente sobre os agentes constituidores de colecções, centrando-se em duas instituições museológicas em Moçambique: o Museu de História Natural de Maputo e o Museu Nacional de Etnologia de Nampula.

"O propósito é analisar a constituição destes museus tendo em conta o contexto colonial em que a sua formação ocorreu. Será dada especial atenção às colecções etnográficas, procurando compreender os respetivos enquadramentos institucionais, epistemológicos e científicos. **Pretende-se explorar as imbricações entre os museus e o aparelho colonial, e a forma como estiveram implicadas em mecanismos de produção e de divulgação de conhecimento, esperando contribuir para discussão da noção de ciência colonial.** Neste sentido, a pesquisa irá concentrar-se nos principais agentes envolvidos na constituição dos museus e das colecções, na relação destes agentes com o aparelho colonial, bem como, nas redes estabelecidas entre a colónia e a metrópole, observando o trânsito de pessoas, objetos e informação."

Tânia Madureira, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Outro exemplo consiste na pesquisa de JORGE FREITAS BRANCO, nomeadamente quando se debruça sobre as estéticas de recolha e as lógicas de constituição da colecção etnográfica melanésia da Universidade do Porto, em depósito no Museu Nacional de Etnologia.

É também a ciência colonial na óptica dos agentes europeus que assume preponderância nas pesquisas de NÉLIA DIAS, de enquadramento historicista das colecções etnográficas francesas do século XIX e primeira metade do século XX. Dias debruça-se sobre "práticas de recolha de objectos, instruções metodológicas e formas de governação; circulação dos objectos e as relações entre museus da metrópole e museus das colónias práticas de preservação e a noção de *endangerment*." (sinopse, 1º Encontro PPC).

"O enquadramento teórico situa-se no campo da **história da ciência**, com ênfase nas práticas epistémicas, nos trabalhos sobre a circulação dos saberes e o questionamento dos modelos de análise em termos de centro-periferia."

Nélia Dias, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

A.1.2. Enquadramento historicista dos agentes e instituições que constituíram arquivos e/ou colecções METROPOLITANOS

No âmbito de um interesse no enquadramento historicista das práticas colecionistas e arquivistas como objecto de estudo relativas a contextos METROPOLITANOS, os investigadores focam-se em colecções que, para além de se referirem a terrenos portugueses, estão efetivamente depositadas em Portugal, com alguma ênfase em colecções transnacionais. Este é o caso, por exemplo, de VERA MARQUES ALVES, em torno do conceito de arte popular.

"A minha abordagem partiu de uma investigação no campo da história da antropologia em Portugal na primeira metade do século XX, abrangendo o extenso conjunto das **práticas e discursos etnográficos associadas ao estudo, colecção e exibição de objectos ditos de «arte popular»**. Neste âmbito dei especial atenção ao processo histórico de constituição da própria categoria de «arte popular portuguesa» e à sua posterior

apropriação por parte da «Política do espírito» levada a cabo durante o Estado Novo.”

Vera Marques Alves, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

É também o caso de JORGE FREITAS BRANCO, quando lida igualmente com questões relativas a implementos agrícolas tradicionais do Museu do Trabalho, em Setúbal, ou com a mecanização agrícola no Alentejo.

FRÉDÉRIC VIDAL e SOFIA SAMPAIO elegeram filmes para abordar temáticas históricas do trabalho e do turismo em Portugal, respectivamente, sendo que, no caso de Vidal, as categorias de documentários industriais, filmes de encomendas e alguns filmes militantes não só não são estanques do ponto de vista temático - "muito pouco estáveis" é a expressão que o próprio utiliza - como atravessam os dois períodos que usámos como critério, estendendo-se dos anos 1930 aos anos 1980.



Frédéric Vidal
Portugal, 2015

Fig. 2. Sessão do projecto "O Trabalho no Écrã", Seminário Internacional incluindo sessão na Cinemateca Portuguesa. Cartazes de filmes exibidos no âmbito do projecto, depositados no Arquivo do ANIM.

O mesmo se aplica às colecções tratadas por FRANCISCA ALVES CARDOSO, de restos humanos esqueletizados adquiridos com objectivo de constituir colecções científicas de referência para investigação e ensino na área da Antropologia Biológica, Física e Forense. Está em causa, indirectamente, o conceito de "cemitérios modernos" e a gestão de restos humanos inumados e classificados como *abandonados*.

A.2.1. Enquadramento historicista das comunidades estudadas, no âmbito da constituição de arquivos e/ou colecções COLONIAIS

Mais uma vez o objecto de estudo é a ciência colonial, mas procurando novas recuperações históricas das vozes dos sujeitos colonizados cujos patrimónios tangíveis e intangíveis foram de alguma forma objectificados. Trata-se de vozes que foram sujeitas a processos de fixação, inclusive de salvação ou salvaguarda, mas que os olhares pós-coloniais veem como filtradas, manipuladas ou mesmo silenciadas. Nem todas as pesquisas de enquadramento historicista têm esta vertente, mas salientamos alguns casos.

INÊS PONTE procura chegar até às autoras das bonecas através de uma restituição da sensibilidade e da atenção que as mesmas puseram nessa feitura.

"(...) elas [as bonecas] tornaram-se um conjunto produtivo para mostrar a diversidade de materiais com que se fazem bonecas na região, para falar da diversidade étnica das comunidades pastoris associadas à sua produção, e para explorar especificidades dos penteados, vestuário e adereços usados localmente."

Inês Ponte, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016

JORGE FREITAS BRANCO também contempla brevemente essa dimensão, na óptica da biografia dos artefactos melanésios. Estamos aqui perante casos de utilização dos próprios acervos coloniais para chegar até às vozes dos colonizados.

Nas suas pesquisas sobre etnografias ocidentais pré-Malinowskianas do período 1870-1922, FREDERICO DELGADO ROSA procura, em certa medida, pôr em causa a alegada fronteira entre o discurso dos "observadores" e o silenciamento dos "observados", através da identificação do enorme peso das componentes vernaculares em secções importantes do arquivo da história da Antropologia numa

perspectiva mundial. AGNELA BARROS WILPER também valoriza as componentes vernaculares do arquivo, considerando por isso que a leitura antropológica do mesmo permite aceder a referenciais importantes de tradição oral.

A.2.2. Enquadramento historicista das comunidades estudadas, no âmbito da constituição de arquivos e/ou colecções METROPOLITANOS

Se anteriormente tínhamos falado de pesquisas sobre colectores, arquivistas, e instituições, aqui falamos de uma outra dimensão nos trabalhos levado a cabo pelos investigadores, nomeadamente a de perceber o impacto e implicações da constituição das colecções ou arquivos para as comunidades cuja vivências estiveram na base da criação desse património. Replica-se aqui uma lógica comparável à já abordada no caso dos arquivos e colecções coloniais, a de tentar recuperar vozes que foram de alguma filtradas no processo de construção dos acervos.

B. PESQUISAS DE ENQUADRAMENTO CONTEMPORÂNEO DE COLECÇÕES E ARQUIVOS HISTÓRICOS

Passamos agora ao segundo grande eixo de pesquisas de enquadramento contemporâneo de colecções e arquivos históricos, o qual versa o entendimento por parte dos investigadores dessas colecções e arquivos históricos como um terreno contemporâneo, procedendo-se a etnografias dos agentes actualmente envolvidos nas narrativas de conservação, exposição e interpretação dessas colecções e arquivos. Embora no conjunto haja algumas pesquisas exclusivamente de enquadramento historicista, este é um interesse muito transversal entre os investigadores. Com base na comparação das sinopses, subdividimos este grande eixo em duas vertentes que nos pareceram relevantes, mas apresentando igualmente intersecções inevitáveis entre si.

B1. Estudo dos Agentes de Gestão Contemporânea dos Arquivos e Coleções Históricas

Começando pela primeira vertente, selecionamos o caso da pesquisa de Tânia Madureira, pois parece-nos suficientemente ilustrativo de uma preocupação que outros partilham.

“Num segundo momento (...) a atenção será concentrada no período pós-independência, verificando continuidades e transformações entre o período colonial e pós-colonial, indagando **novas retóricas patrimoniais e questionando até que ponto operou a sua instrumentalização política** em processos de promoção e afirmação do Estado moçambicano”.

Tânia Madureira, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

De salientar que a mesma se reflecte no recurso à etnografia, envolvendo observação participante e realização de entrevistas. Trata-se de uma investigação em curso concentrada, citamos, "nas estratégias expositivas", "nos discursos e nas questões de representação cultural", bem como "nas dinâmicas institucionais e nas acções dos diversos agentes”.

B2. Estudo dos Descendentes Identitários das Comunidades Estudadas no Âmbito da Constituição dos Arquivos e Coleções Históricas

Passamos então à vertente de estudo dos descendentes identitários das comunidades estudadas no âmbito da constituição dos arquivos e colecções. Trata-se aqui de pesquisas que procuram os sentidos contemporâneos do arquivo para os agentes histórica ou biograficamente relacionados com os respetivos conteúdos, envolvendo sujeitos pós-coloniais, vozes locais, *indigenous researchers*, etc., ultrapassando-se em qualquer dos casos as dicotomias do período colonial.

Podemos evocar, por exemplo, a pesquisa em curso de AGNELA BARROS WILPER:

“Pretendo efectuar **uma articulação entre o arquivo etnográfico e o trabalho de campo**, através de uma pesquisa etnográfica em torno dos sentidos contemporâneos, em contexto rural e/ou periurbano kimbundu, dos referenciais de tradição oral contidos em particular na obra do missionário suíço Héli Chatelain, *Folk-tales of Angola*, publicada nos Estados Unidos em 1894.”

Agnela Barros Wilper, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Outro exemplo é o de CRISTINA VALENTIM:

"A memória oral permite pôr em perspetiva a memória institucional dos arquivos oficiais e, em particular, **convocar os sujeitos (outrora reificados pelas etnografias coloniais)** para comentarem essas representações e, no fundo, possibilitar uma troca de saberes entre o arquivo e as vozes de pessoas."

Cristina Valentim, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Também FREDERICO DELGADO ROSA procura ter em conta "as apropriações, releituras e usos a que monografias e outras publicações etnográficas são sujeitas por comunidades historicamente associadas às etnografias de salvação (ou salvaguarda) desenvolvidas no passado, com destaque para a produção escrita de *indigenous researchers* (...)" (sinopse, 1º Encontro PPC).

"Desenvolvo **uma pesquisa atenta à diversidade desses fenómenos**, num espectro que inclui a ignorância do arquivo, o reconhecimento do legado das etnografias de salvação, em particular das respetivas componentes vernaculares, e a rejeição da antropologia ocidental, quer colonial, quer pós-colonial, por parte de alguns representantes do movimento de *Indigenous Research*."

Frederico Delgado Rosa, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Algo de comparável se encontra na pesquisa de TÂNIA MADUREIRA, nomeadamente quando se concentra, num segundo momento, no período pós-independência de Moçambique.

INÊS PONTE preocupa-se não apenas com a trajectória histórica, mas também com os "sentidos contemporâneos" dos materiais recolhidos no Sudoeste de Angola no período colonial. No seu caso, procura abordar etnograficamente "os significados que as bonecas artesanais encarnam para os seus artesãos" atuais, criando uma dialética entre os agentes históricos e os seus descendentes identitários.

C. ESPÓLIOS EM TRANSFORMAÇÃO E PESQUISAS ACTUAIS SOBRE COLECÇÕES E ARQUIVOS CONTEMPORÂNEOS

Passamos enfim ao terceiro grande eixo, onde juntamos o que chamámos de "espólios em transformação" e pesquisas de enquadramento de colecções e arquivos contemporâneos, tomando como referência o critério cronológico que definimos anteriormente.

Como já referimos, algumas das pesquisas tanto versam colecções e arquivos históricos como contemporâneos. É o caso, por exemplo, de FRANCISCA ALVES CARDOSO, uma vez que as colecções científicas sobre as quais trabalha também incluem restos humanos esqueletizados muito mais recentes do que se possa imaginar. Aí, o sentido contemporâneo das colecções que estuda é dos mais delicados, pois envolve familiares vivos de pessoas falecidas no nosso tempo. Com o trabalho de INÊS PONTE sobre a colecção contemporânea de pinturas *patua* originárias de Bengala Ocidental, Índia, que pertence ao Museu Nacional de Etnologia, surge mais uma pesquisa associando fundos variados.

Selecionamos também a pesquisa de SÓNIA VESPEIRA DE ALMEIDA, que assume um cunho para nós quase simbólico, uma vez que trata dos arquivos dos antropólogos portugueses da contemporaneidade.

"Que usos se podem fazer do diário de campo? Como se lida com os dados etnográficos quando mais investigadores trabalham na mesma área? Que papel desempenham os vários materiais recolhidos no terreno e no momento de análise? **Os materiais etnográficos produzidos no presente podem ser vistos como arquivos históricos no futuro?** "

Sónia Vespeira de Almeida, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016
(negrito nosso)

Uma segunda pesquisa de Almeida entra também no domínio dos espólios em transformação, ao repertoriar "o actual 'impulso' arquivista de antigos exilados políticos na Europa e Brasil. Trata-se, nas suas palavras, de "cartografar os caminhos percorridos pelos documentos que fogem aos 'rigores institucionais', perceber a sua biografia".

D. POTENCIALIDADES SOCIAIS DA PESQUISA

Abordamos ainda, brevemente, algumas pesquisas que exploram as potencialidades das colecções e dos arquivos fora dos contextos institucionais de conservação e investigação.

AGNELA BARROS WILPER, por exemplo, com base nas referências de tradição oral contidos em particular na obra do missionário suíço Héli Chatelain, procura “assumir a possibilidade de uma Antropologia mais dialogante e participante no projecto de construção da nação angolana”, sendo que, em momento ulterior da sua pesquisa”, pretende “perspectivar a integração dos resultados em performances teatrais.” (sinopse, 1º Encontro PPC).

Já FRANCISCA ALVES CARDOSO procura criar “uma ponte com a sociedade ao considerar as implicações das Colecções de Esqueletos Humanos Identificados, e sua utilização em estudos científicos futuros”.

“A minha área de investigação abarca a percepção e opinião públicas sobre o uso pela ciência e pela academia de vestígios humanos exumados de cemitérios modernos, contribuindo para **o esclarecimento público sobre a forma como são utilizados vestígios humanos** por disciplinas tais como a antropologia e a arqueologia – valorizando consequentemente a sua importância para o conhecimento científico”

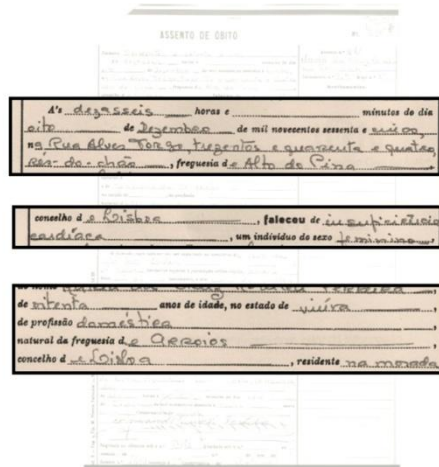
Francisca Alves Cardoso, sinopse para o 1º Encontro PPC, 2016 (negrito nosso)

Na tentativa de aproximar a pesquisa da sociedade são de referir ainda as preocupações de atingir públicos mais alargados, nomeadamente públicos desconhecedores e/ou não familiarizados com pesquisas em desenvolvimento e o conhecimento científico produzido sobre as mesmas. O trabalho de NUNO PORTO disponibilizou um arquivo online (www.diamangdigital.net), processo no qual tanto CRISTINA VALENTIM como TÂNIA MADUREIRA colaboraram enquanto investigadoras. Algumas pesquisas também produziram exposições (NUNO PORTO e INÊS PONTE), ciclos e debates na cinemateca (FRÉDÉRIC VIDAL – ver Fig. 2 - e SOFIA SAMPAIO), vídeos com material de arquivo e mesmo um arquivo de filmes online (INÊS PONTE), ou eventos regulares como os “Fins de tarde com a

Antropologia: conversas sobre Arquivos Etnográficos", organizados por SÓNIA VESPEIRA DE ALMEIDA e Rita Cachado.

Gostaríamos aqui também de retomar brevemente a questão dos cruzamentos entre os eixos de um enquadramento historicista e de um enquadramento contemporâneo. Trata-se, no fundo, de reconhecer as colecções e arquivos como alvos em movimento, susceptíveis de constantes (re)interpretações. Esta ideia remete para o velho debate ainda em aberto dos historiadores sobre os sentidos do historicismo e do empirismo, havendo quem negue a sua possibilidade, vendo qualquer tentativa nesse sentido mais como uma projecção contemporânea.

Destacamos que algumas das pesquisas individuais podem ganhar, em termos do cruzamento entre o passado e o presente, um peso simbólico imprevisto. Estamos a pensar, por exemplo, na conjugação dos casos trabalhados por NÉLIA DIAS e por FRANCISCA ALVES CARDOSO. Sabemos bem que o velho "culto dos ossos" do período colonial, expresso em múltiplas vertentes da então chamada Antropologia Física que Dias aborda em torno da história da Antropologia Francesa, interpenetravam as práticas e os discursos etnográficos. E esse "culto dos ossos" pode encontrar a sua derradeira descolonização ou, melhor dizendo, revelar a sua descolonização inacabada, no questionamento ético das colecções modernas, sobre as quais se debruça Alves Cardoso (Fig. 3).



Francisca Alves Cardoso
 Portugal, 2016

Fig. 3. Digitalização de Assento de óbito de um dos indivíduos da colecção (à esquerda). À direita apresentam-se duas fotografias de vestígios humanos esqueletizados pertencentes à Colecção de Esqueletos Identificados Luis Lopes do Museu de História Natural (Lisboa): em cima perspectiva de quadrante esquerdo de mandíbula de adulto com dentes, em baixo perspectiva posterior de crânio.

É importante sublinhar, em qualquer caso, que o enquadramento historicista pode sempre ser entendido como uma perspectiva contemporânea, susceptível de abrir frinchas nas interpretações históricas vigentes. E tudo isto na certeza de que, um dia, infalivelmente, serão as nossas próprias releituras a acumular poeira, que esperamos vir a ser sacudida por futuras gerações. Oxalá sejam ainda antropólogos a fazê-lo.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

Nota: pedimos aos investigadores para enviarem os principais resultados das pesquisas na área do uso de colecções e arquivo; a listagem seguinte reúne esse material.

ARTIGOS, LIVROS; CAPÍTULOS; TESES, RECENSÕES, ENTREVISTAS DE INVESTIGAÇÃO (material em linha com ligações a 16.10.2016)

- ALMEIDA, Sónia Vespeira; Ferreira, S., 2015, "Dictatorships and Revolutions in Portugal and Chile: ethnography, memory and invisibilities", *History and Anthropology*, 26 (5), pp. 597-618.
- ALMEIDA, Sónia Vespeira de; ALVES, Vera Marques, 2009, "Uma proposta antropológica para o futuro do Museu de Arte Popular", *Etnográfica*, 13 (2), pp. 468-472.
- ALMEIDA, Sónia Vespeira, 2009, *Camponeses, Cultura e Revolução. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*, Lisboa: IELT-Colibri.
- 2007, "Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA: uma etnografia retrospectiva", *Arquivos da Memória*, 2 (nova série), CEEP, pp. 47-65.
- ALVES, Vera Marques, 2013, *Arte Popular e Nação no Estado Novo. A política folclorista do Secretariado da Propaganda nacional*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- , 2010, "O Povo do Estado Novo" in Neves, José (Dir.), *Como se faz o Povo*, Lisboa: EDP & Edições Tinta da China.
- , 2007, "'A poesia dos simples': arte popular e nação no Estado Novo", *Etnográfica*, 11 (1), pp. 63-89.
- ALVES-CARDOSO, Francisca; Cunha, E. "L'expérience de la Constitution des Collections Documentées au Portugal", in: Y.Ardagna, A. Chaillou (Eds.), *Les Ensembles Anthropologiques et Paléobiologiques: Entre législation, intérêt scientifique et enjeu éthique*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication Direction Générale des Patrimoines sous-direction de l'Archéologie.
- Bennett, T.; Cameron, F.; DIAS, Nélia; et al. (Eds), 2016, *Collecting, Ordering, Governing: Anthropology, Museums and Liberal Government*, Durham: Duke University Press.
- Bondaz, J., DIAS, Nélia; Jarrassé, D. (Coord.), 2016, 'Les Collections Mixtes', *Gradhiva*, 23.
- Bouquet, M.; BRANCO, Jorge F; Strathern, M., 1988, *Artefactos Melanésios: reflexões pós-modernistas/Melanesian Artefacts: Postmodern Reflections*, Lisboa: IICT & Museu Nacional de Etnologia.
- BRANCO, Jorge Freitas, 2005, [Máquinas nos campos, uma visão museológica](#), Oeiras: Celta Editora.
- BRANCO, Jorge Freitas, Oliveira, L., 1993, *Ao Encontro do Povo II: A Colecção*. Oeiras: Celta Editora.
- , 1991, *Ao Encontro do Povo I: A Missão*. Oeiras: Celta Editora.

- CASTRO, Hugo, 2015, [Discos na Revolução: a produção fonográfica da canção de protesto em Portugal na senda da Revolução do 25 de Abril de 1974](#), *TRANS*, 19.
- DIAS, Nélia, 2015 “[From French Indochina to Paris and back again: The circulation of objects, people and information, 1900-1932](#)”, *Museum & Society*, 13, 7-21.
- , 2014 “[Rivet’s Mission in Colonial Indochina \(1931-1932\) or the Failure to Create an Ethnographic Museum](#)”, *History and Anthropology*, 25 (2), 189-207.
- , 2012 “Nineteenth-Century French Collections of Skulls and the Cult of Bones”, *Nuncius, Journal of the Material and Visual History of Science*, 27, 330-347.
- PONTE, Inês, 2015, [Cosmopolitan impressions from a contemporary Bengali patachitra painting museum collection in Portugal](#), in *Ateliers d’Anthropologie*, 41.
- , 2015, *Bonecas do Sudoeste de Angola*, Lisboa: MNE & INCM.
- , 2015, “Crafted ‘Children’: an ethnography on making and collecting dolls in Southwest Angola”, Tese de Doutoramento em Antropologia Social com Meios Visuais, Universidade de Manchester [não publicada].
- PORTO, Nuno; VALENTIM, Cristina, 2015, “‘A Terra Rica’: Colonialidade e propaganda no cinema colonial português em Angola”, In *Ensaios de Direito e de Sociologia a partir do Brasil e de Portugal: movimentos, direitos e instituições*, G. Bester, H. Costa, G. Hilário (Eds.), Curitiba: Instituto Memória Editora. Centro de Estudos da Contemporaneidade. pp. 498-526.
- PORTO, Nuno, 2014, “www.diamangdigital.net: memória, performance, colonialidade”, in F. Vicente (Org.), *O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial português (1860-1960)*, Lisboa: Edições70, pp: 485-494.
- , 2009, *Modos de Objectificação da Dominação Colonial: O caso do Museu do Dundo, 1940-1970*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 699 pp.
- , 2005, “Luiz Carrisso e depois: museus, ‘ciências coloniais’ e a ‘ocupação científica’ das colónias”, in H. Freitas, et al. (coordenação), *Missão Botânica: Angola (1927-1937)*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 127-156.
- , 2004, “Under the Gaze of the Ancestors: Photographs and performance in Colonial Angola”, in E. Edwards & J. Hart (Eds.), *Photographs, Objects, Histories*, London & New York: Routledge, pp. 113-131.
- , 2003, “Le musée en tant que technologie d’enchantement: le travail muséal à la Compagnie des Diamants d’Angola”, in *Les Arts Premiers, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, XLV, pp: 123-132.
- , 2002, “O museu e o arquivo do Império: o terceiro império português visto do Museu do Dundo, Companhia de Diamantes de Angola”, in C. Bastos, B. Feldman-Bianco & M. Vale de Almeida (Coords.), *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp: 117-132 (2007: Edição brasileira, Editora Unicamp).
- , 2001a, “O corpo nas colónias: a comunidade colonial na margem do Império: o caso da Companhia de Diamantes de Angola”, in M. Ramalho e A. Ribeiro (Orgs.) *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*, Porto: Edições Afrontamento, pp: 213-252.
- , 2001b, “The Arts of the Portuguese Empire: the emergence of Cokwé Art in the Province of Angola”, in A. Shelton (Ed.), *Collectors; Expressions of Self and Other, Contributions to Critical Museology and Material Culture*, Horniman

- Museum and Gardens & Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, pp: 225-247.
- , 1999, *Angola a Preto e Branco: Fotografia e Ciência no Museu do Dundo, 1940-1970*, Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, 166pp.
- , 1999a, "Manageable Past: Time and Native Culture at the Dundo Museum in Colonial Angola", In *Cahiers d'Études Africaines*, 155-156, XXXIX-3-4,1999, numéro spécial "Prélever, exhiber. Lamise en musées", A. Dupuis (Coord.), pp: 767-787.
- , 1999b, "Photography and the work of mediation in the Third Portuguese Empire", in *Focaal – tijdschrift voor antropologie*, 34, pp: 41-57.
- ROSA, Frederico Delgado, (no prelo), «James Mooney et le labyrinthe colonial de la Danse des Esprits», in D. Fabre, A. Mary, C. Laurière (Orgs.), *Ethnologues en Situation Coloniale*. Paris: Éditions du CNRS.
- SAMPAIO, Sofia, Schefer, R; Blank, T. (Coords.), 2016, Dossier "Outros Filmes", *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, 3 (2).
- , 2016, Recensão crítica: "[Jornal Português: Revista Mensal de Actualidades 1938-1951](#)", *Análise Social*, 219 (LI-2), pp. 467-472.
- , 2015, "[Turismo, olhares e imagens em movimento: do arquivo como repositório ao arquivo como campo](#)", *Análise Social*, 217 (L-4), pp. 830-843.
- SAMPAIO, Sofia; Mota, G.; Bordalo e Sá, S., "[A propósito de duas encomendas: conversa com José Fonseca e Costa](#)", *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, 3 (1), pp. 121-137.
- VALENTIM, Cristina, 2016, "'Ciwewe'. Cultura y poder en una canción Cokwe del este de Angola colonial, 1955", *Revista de Antropología Social*, número especial *África negra: estudios contemporáneos desde la antropología lusófona e hispánica*, 25, 2.
- , 2016, "À procura da 'autenticidade indígena'. Tradição, tradução e transformação nas recolhas etnomusicais do Museu do Dundo em Angola", *Africana Studia*. Número temático: "África: arqueologia e paisagem", 24, 107-128.
- VIDAL, Frédéric, e L. Veloso (coord.), (no prelo), *O trabalho no ecrã: Memórias e identidades sociais através do cinema*, Lisboa: Edições 70.
- Vidal, F.; DIAS, Nélia (Eds.), 2016, *Endangerment, Biodiversity and Culture*, London & New York: Routledge.
- VIDAL, Frédéric, Veloso, L.; Rosas, J., 2015, "O trabalho no ecrã: representações e narrativas cinematográficas em Portugal", *Atas do IV Encontro Anual da AIM*, D. Ribas e M. Penafria (ed.), Covilhã, AIM.

COMUNICAÇÕES E APRESENTAÇÕES (inclui disponibilização de pesquisa em linha)

- ALVES, Vera Marques, 2016, "Antropologia Esquecida. A ocultação da história nas apropriações recentes das colecções etnográficas", Comunicação apresentado no painel *Usos da História da Antropologia; apropriações e releituras da produção etnográfica*, no VI Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), Coimbra.

- , 2015, "Da importância dos museus de etnografia ou etnologia continuarem a ser museus de etnografia ou etnologia", comunicação apresentada no Ciclo de Seminários dos 130 Anos de Antropologia, Coimbra: Departamento de Ciências da Vida, FCTUC, 22 Julho ([resumo](#) e [video](#)).
- , 2013, "Há museus que são mais etnográficos que outros? Reflexões sobre o passado e o futuro do Museu de Arte Popular", comunicação apresentada no painel *Museus, antropologia e museologia: diálogos e contrapontos*, no V Congresso da APA, Vila Real.
- ALVES-CARDOSO, Francisca, 2014. "Abandoned? Exploring the ethical framework of human remains in Portuguese identified collections", Comunicação no painel *Ethics and Knowledge*, Annual and International Conference of *The Research Programme Corpses Of Mass Violence And Genocide*. Manchester, Reino Unido.
- , 2014. "With who's permission? Using human skeletal tissue to build identified skeletal collections", Comunicação no painel *New immortalities: anthropological reflections on the procurement, transformation and use of human cadaveric tissue*, ASA14: Anthropology and Enlightenment. Edinburgo, Reino Unido.
- , 2013. "Lives not written in bones: Discussing biographical data from identified skeletal collections", apresentada no painel *Identified skeletal collections: the testing ground of anthropology?*, no 17th IUAES Meeting. *Evolving Humanity, Emerging Worlds*. IUAES, Manchester, Reino Unido.
- BRANCO, Jorge Freitas, 2008, "[Significados esgotados: sobre museus e coleções etnográficas](#)". Comunicação no XI Congreso de Antropología FAAEE, In *El futuro de los museos etnológicos*, Donostia, San Sebastian, Espanha.
- ROSA, Frederico Delgado, 2016, "Contemporary Transformations of Elsdon Best's Salvage Ethnography" Comunicação no painel "Traditions of anthropology, prospects for engagement: have 'World Anthropologies' tried to change the world?" (WCAA-IUAES session), 4th EASA Biennial Conference: *Anthropological Legacies and Human Futures*, University of Milano-Bicocca, Milão, Itália.

OUTROS FORMATOS DE DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA

- ALMEIDA, Sónia Vespeira de, e Cachado, R. 2014-presente, *Fins de Tarde com a Antropologia. Conversas sobre Arquivos Etnográficos*. Com vista ao Arquivo Digital da Antropologia Portuguesa.
- Oliveira, A. B., PONTE, Inês, Lança, M. (curadoria), 2015, *Uma Delicada Zona de Compromisso*, exposição, Lisboa: Galeria Quadrum. Pesquisa de arquivo de Inês Ponte. Visita Guiada. Ciclo de Filmes. ([galeria virtual](#); [amostra](#)).
- PONTE, Inês, 2016, [127 Fotogramas ou 34 cenas de Nelisita](#), 14 min, vídeo digital experimental de arquivo sobre etnoficção em 16 mm realizada por R. Duarte, 1982, p/b. Fotografias de rodagem. Produção UDZC. Duração original: 62min. EXIBIÇÃO 2016: FACA, Festa de Antropologia e Arte (workshop participativo Antropologia, Arte e Cinema).
- , 2016, [RDC Virtual](#), repositório digital de filmes realizados por Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010). [Catálogo](#) dos filmes disponíveis.

- , 2015, pesquisa científica para o módulo da exposição permanente *A Brincar e Já a sério* (baseado em estudo interno de colecção, 2006), Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- , 2009, Concepção de visita à exposição *Pinturas Cantadas: arte e performance das mulheres de Naya*, Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- PORTO, Nuno, 2008, www.diamangdigital.net. Website. Arquivo digital de divulgação pública e da digitalização (com inventariação) dos materiais documentais, fotográficos e sonoros do espólio da Diamang. Colaboraram neste projecto Cristina VALENTIM e Tânia MADUREIRA. Parceria entre o CRIA, o Museu do Dundo e a Universidade de Coimbra.

ALGUNS PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO RECENTES (Investigador participante)

- Francisca ALVES CARDOSO, *Colecções Portuguesas de Esqueletos Humanos Identificados: Enquadramento ético e legal*. CRIA/FCSH/Universidade NOVA de Lisboa
- Sofia SAMPAIO, 2014-2015, “Atrás da Câmara: Práticas de visualidade e mobilidade no filme turístico português”. EXPL/IVC-ANT/1706/2013.
- Sónia VESPEIRA DE ALMEIDA, *Arquivos da Antropologia Portuguesa: Fins de Tarde com a Antropologia. Conversas sobre Arquivos Etnográficos*.
- , *Arquivos a partir de baixo. Memória, Património e Exílio (Europa e Brasil)*.
- Frédéric VIDAL, *Work on Screen: a study of social memories and identities through cinema*. O Filme Como Fonte, Processo ou Representação.

PROJECTOS DE DOUTORAMENTO EM CURSO

- Agnela BARROS WILPER, *Kututunda ni Kutuia (O passado e o futuro): Literatura de tradição oral kimbundu oitocentista entre revisitação crítica e diálogo contemporâneo*. Programa de Doutoramento em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa
- Hugo CASTRO, *A canção política em Portugal durante e após a Revolução dos Cravos (1974-1979)* (título provisório), Programa de Doutoramento “Música Como Cultura e Cognição”, FCT INET-md, FCSH/NOVA.
- Tânia MADUREIRA, *Entre colecções e museus: do colonial ao pós-colonial, a partir de Moçambique*. Programa de Doutoramento em Antropologia, ISCTE-IUL.
- Cristina VALENTIM, *Folclores, Poder e Subjetividades: as canções Cokwe registadas na Lunda durante a Missão de Recolha de Folclore Musical de Angola, década de 1950* (título provisório). Programa de Doutoramento em Estudos Pós-Coloniais, especialidade na área da Antropologia, da Sociologia e dos Estudos Culturais, no CES, Universidade de Coimbra.

SEM TÍTULO (PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PERFORMANCE)

por Joana Almeida, Paulo Raposo e Diana West

Sem título foi o limite de possibilidade que soubemos construir para agregar um conjunto de autores/investigadores e um conjunto de propostas de investigação em torno deste agrupamento informal das Práticas Artísticas e Performance.

Sem título, transporta-nos para (entre outros lugares) os universos das galerias e dos museus ou para debates na história da arte, sobretudo acerca de arte contemporânea. Intitular algo como *sem título* é hoje um gesto muito frequente e até institucionalizado, se assim poderemos dizer, nas peças de arte contemporânea. *Sem título* exige ou apela ao espectador da obra de arte que construa para si as articulações significantes, os espaços de interpretação e as dinâmicas de relações que uma dada obra pode revelar. *Sem título* pretende não se intrometer na geometria variável da percepção do gesto artístico, nem condicionar definitivamente a inteligibilidade do objecto artístico. Foi isso que nos moveu quando nos deparamos com uma variadíssima produção antropológica e um conjunto de gestos etnográficos heterogêneos. Pareceu-nos abrir um campo de possibilidades mais interessante, mais horizontal, mais aberto a partilhas inesperadas, mais susceptível de evitar rumores e ajustes forçados. Daqui resultou então uma primeira traficância entre arte e antropologia.

Ora é justamente com este plano de intercepção em mente que os investigadores e objectos de pesquisa aqui reunidos dialogam de algum modo. Na verdade, de modos bem distintos. De tal forma essa diversidade se impõe que sugerimos desde logo pensá-los como fruto de *etnografias híbridas* - algumas mais classicamente enunciadas, outras através de propostas visuais, outras cruzando campos disciplinares e fronteiras teórico-metodológicas.

Neste agrupamento improvável podemos encontrar pesquisas terminadas, em curso ou a iniciar que vão desde as práticas etnográficas situadas claramente em contextos artísticos, ou marcados por dimensões esteticizadas, ou ainda por elementos que podem eventualmente ser caracterizados como gestos artísticos. Mas encontramos também debates e análises das práticas artísticas que utilizam gestos etnográficos, que ecoam motivos e temáticas eminentemente

antropológicos - o que Hall Foster designava criticamente como o "artista enquanto etnógrafo". Vemos ainda pesquisas que se dedicam a perceber os movimentos de "atração pelo real" (essa expressão muito usada por Carol Martin) ou que procuram entender o chamado "social turn" na arte de falava Claire Bishop ou o interesse pela "engaged art" ou o "ativismo" que recentemente têm ocupado vários debates em diversos campos disciplinares.

Dito desta forma, este grupo de polarizações inúmeras e de intensa geometria variável não poderia ser descrito em nosso entender se não pelo título *Sem título*.

Procurámos então criar âncoras e lugares que permitissem fazer ecoar sentidos e lógicas temáticas, nexos metodológicos e inquietações teóricas que fossem produzindo pequenas constelações de relações intersubjectivas entre propostas de pesquisa. Tudo isto é absolutamente revogável e lamentamos desde já se não nos for possível responder a tão vasto campo de possibilidades que cada pesquisa, cada autor, cada contexto analisado deixa entrever.

Postulámos quatro janelas de possibilidades:

a atração pelo real

arquivos e modos de ver

o império dos sentidos

imaterialidades no presente e no passado

É pois da ordem do liminar, do transitório, do ambíguo, no território da fronteira, da margem que esta proposta de agrupamento se constitui.

A atração pelo real

A "atração pelo real" congrega alguns aspetos das investigações deste grupo. São pesquisas que se debruçam sobre uma tendência que tem ganho visibilidade no meio artístico português, isto é, a produção artística que envolve indivíduos ou grupos de não profissionais. Este elemento é comum ao trabalho da Teresa Fradique, do Ricardo Seiça Salgado, da Kelen Pessuto e ao da Diana West.

A utilização de "pessoas reais" na produção artística enquadra-se numa lógica de rupturas éticas e estéticas que alguns criadores têm utilizado como mecanismo para aceder a diferentes formas de autenticidade e enquadra-se num processo mais vasto de retorno do real que emergiu ao longo do século XX, instaurando novas convenções na produção artística. Numa perspectiva mais vasta, estas

rupturas podem ser entendidas como formas de eliciar a complexidade e ambiguidade das relações que se estabelecem no contexto da contemporaneidade. O trabalho da **Teresa Fradique** baseia-se numa etnografia feita com projetos teatrais na zona da grande Lisboa que contam com a participação de intérpretes (normalmente designados como acores não-actores). Procura aceder à natureza da experiência por parte dos “actores-não actores”, constatando que a sua biografia atravessa permanentemente a dramaturgia. Fala-nos das *dramaturgias do real* que geram uma atração criativa mas também ética e política, em parte pelo seu posicionamento híbrido entre o real e a ficção.

A **Kelen Pessuto** desenvolve a sua pesquisa em torno do processo de criação com “actores não actores” mas na área do cinema. Tem procurado definir o conceito de etnoficção através da observação do trabalho do realizador curdo-iraniano Bahman Ghobadi. (foto)

Afirma que, o processo colaborativo com a comunidade filmada, a dimensão improvisacional e o uso de actores não actores são alguns dos elementos que definem a etnoficção e confronta esta reflexão no seio dos debates da antropologia visual. Faz uma análise comparativa utilizando a etnoficção francesa de Jean Rouch e no caso português, o trabalho do realizador Pedro Costa.

A investigação de **Diana West** debruçou-se sobre o trabalho de artistas com grupos de não profissionais no teatro e no cinema mas com uma assumida orientação social, isto é, projetos artísticos que reivindicam a capacidade transformadora da prática artística como resposta a problemas sociais como o isolamento, o sucesso escolar ou a integração social. São práticas que se aliam com as rupturas estéticas que referimos antes na procura de uma poética trazida pelo olhar ou pelo corpo pouco treinado e pouco Auto consciente. Mas sobretudo aliam-se numa dimensão política que reconhece a arte como uma poderosa forma de agencialidade, reposicionando-a no centro de políticas públicas culturais e sociais.

O trabalho do **Ricardo Seiya Salgado** desenvolve-se num terreno que exige do investigador um questionamento sobre as abordagens éticas e metodológicas ao mesmo. A sua pesquisa centra-se no contexto prisional onde pretende aprofundar formas de resistência e marginalidade nas prisões através da construção duma peça teatral. Para isso desenvolve uma abordagem através de metodologias

teatrais, designadamente o etnoteatro. Esta “entrada” no terreno permite-lhe por um lado o acesso a dados etnográficos num contexto em que as ferramentas tradicionais da etnografia são limitadas, e por outro lado, refletir sobre possibilidades de expandir as ferramentas de pesquisa para o trabalho de campo. As questões metodológicas permitem-nos criar outras pontes com as investigações deste grupo, o trabalho do Ricardo, da Agnela e do Pedro cruzam-se pela dimensão das práticas performativas, o caso da Teresa ou da Inês intersectam-se pelo registo audiovisual que usam na sua abordagem ao terreno. Para estes investigadores as ferramentas da etnografia não são apenas instrumentos de recolha mas são definidoras de um certo *gesto etnográfico* (Pina Cabral,2007), um modo de estar e de se relacionar com o terreno. Remetemo-nos assim para o campo dos sentidos e corporalidades associados à prática performativa da observação.

Arquivos e modos de ver

Outra das dimensões da pesquisa dos colegas está relacionada com arquivos e colecções, cruzando-se, sobretudo com com o campo artístico, usado metodologicamente ou como objecto de apropriação. No caso da pesquisa da **Cristina Sá Valentim** cruzando as colecções, os arquivos e os museus, a sua investigação centra-se na acção cultural da Diamang (a ex-Companhia de Diamantes de Angola) no âmbito da designada Missão de Recolha de Folclore Musical durante as décadas de 50 e 60. Desta Missão resultaram vinte colecções musicais com cerca de 1400 músicas, e todo um arquivo documental e fotográfico. Nesse sentido, a pesquisa a ser desenvolvida pela Cristina realiza-se, metodologicamente, através de trabalho de pesquisa etnográfica que combina fontes arquivísticas – de materiais documentais audio ou fotográficos – etnografias coloniais e testemunhos de história oral em Angola e em Portugal.

Não a partir de um arquivo de museu, mas de outros arquivos, a pesquisa da **Sónia Vespeira de Almeida** tem privilegiado duas áreas principais: numa primeira dimensão, aquilo a que chama de etnografia retrospectiva, a convocação do arquivo como um terreno antropológico e a os arquivos dos antropólogos. Em segundo lugar, o campo das práticas artísticas, analisando precisamente os modos de *ver* – *dizer* – e *fazer* de um conjunto de artistas. Em 2008, iniciou a pesquisa de pós-doutoramento em torno da apropriação da nação nas artes visuais

contemporâneas onde os artistas propõem modelos possíveis do mundo – *micro-utopias* – dando a ver de uma outra maneira [como sugerido pelo antropólogo Roger Sansi (2014)]. Centrada nos artistas e nos processos de criação, a Sónia realizou metodologicamente – aliás como vemos nesta imagem de visita de um *atelier* – aquilo a que chama uma etnografia do campo artístico.

Por fim, no caso da **Joana Miguel Almeida**, a sua pesquisa ficou-se, primeiramente, no campo da arte contemporânea e posteriormente no campo do património, memória e museus. Quanto à investigação que diz respeito a este grupo das práticas artísticas, a pesquisa, que resultou numa dissertação de mestrado, incidiu sobre um conjunto de práticas artísticas portuguesas de reflexão sobre a Guerra Colonial. Designadamente, esta pesquisa incidiu sobre o trabalho de três artistas – Manuel Botelho, Daniel Barroca e Sandro Ferreira – que, na sua prática criativa, se apropriam de arquivos privados (como cartas, diários, álbuns de família), permitindo questionar o modo como a arte contemporânea pode, ao visitar o passado histórico, resignificar estes arquivos e (re)documentar o passado, oferecendo-lhe novas vozes e possibilidades de leitura.

Império dos sentidos

Franz Kafka, no início do séc. XX, criou uma ficção irónica sobre a história de um primata que foi apresentada numa conferência à academia dos escritores alemães, intitulada "relatório para uma academia". Originário da Costa de Ouro em África e vivendo há alguns anos na Alemanha era ali exibido como um primata em evolução. Esta narrativa irónica de Kafka, como refere a artista e investigadora cubana-americana, Coco Fusco, era obviamente uma forte alusão à história das exposições etnográficas coloniais na Europa.

Coco Fusco e Guillermo Gomez-Peña, a partir deste mote lançado por Kafka, criaram uma performance para a comemoração dos 500 anos da Descoberta das Américas (em Londres e em Madrid). Nesta performance dois indígenas por descobrir apresentavam-se ao mundo civilizado numa jaula - a performance chamava-se *The two Undiscovered Ameridians Visit*. Esta performance era pensada obviamente como um comentário crítico ao modo como o Ocidente colonial procurou produzir categorias classificativas sobre o Outro não europeu. Ambos os

exemplos eram afinal uma sátira às conceptualizações ocidentais do exótico primitivo.

Mas o que nos interessa neste particular é ressaltar a dimensão substancialmente perceptiva e sensorial a que ambas as narrativas se reportam. Ou seja, aos aspectos de corporalidade, visualidade e sensorialidade que ambos apelam. No caso de Kafka, construído através da descrição sobre corpos pensados para serem expostos como primatas, percebidos através de uma visualidade específica que os classificará definitivamente como não humanos ou não plenamente humanos. E no caso da performance de Fusco e Peña como um dispositivo visual fortíssimo que apela não apenas à partilha de olhares, mas também de ambientes sonoros, de cheiros e de sabores e até de toques (uma vez que na jaula era recriada literalmente uma vivência quotidiana).

Corporalidades, visualidades e sinestésias estão enunciadas nestes dois exemplos - uma pela força literária da escrita sobre uma performance outra pela potência da performance propriamente dita. Ora justamente este pequeno átomo que designámos *império dos sentidos* numa óbvia e intencional referência à obra cinematográfica de Nagisa Oshima é marcado por estas 3 dimensões: corporalidades, sinestésias e visualidades.

Filipe Reis e **Nuno Porto** de forma muito evidente revelam o seu interesse e entusiasmo por paisagens sonoras, seja tomando o som e as sonoridades como modalidade de representação do mundo, seja como tecnologia e instrumento de percepção e compreensão do mundo. F.R mais preocupado com os dispositivos tecnológicos "para o ouvido" procura entender como essas tecnologias de escuta, nomeadamente em função das transformações inerentes à passagem de uma era analógica para uma era digital, podem permitir entender melhor as práticas de fazer, circular e consumir sons.

N.P., assumindo-se na qualidade de curador, interessa-se desde há muito pela o que define como uma ideia vaga de paisagem auditiva nas suas exposições-instalações. Ambos percebem uma desigual atenção dada pelos investigadores a estas duas formas de sensorialidade: a visual e a aural. O som surge assim claramente como um sentido que pouca atenção mereceu nos dispositivos de enunciação antropológica: seja nas etnografias, seja nas exposições.

Para **Paulo Raposo**, é uma outra dimensão da oralidade que lhe interessa - a da recém inventada figura de um contador de histórias das performances políticas e da sua difusão digital por redes e plataformas de activismo político. Esta nova figura é a do Live streamer (o narrador que relata e filma protestos políticos em directo e através da internet). Dimensões teóricas sobre as abordagens clássicas da etnografia da fala em articulação com novas indagações no campo performativo ganham aqui destaque. Mas também inquietações metodológicas são invocadas, assistindo-se ao reordenamento dos instrumentos de recolha, de inquérito e de registo etnográfico: arquivos que vivem em plataformas digitais; etnografias digitais para os ler, bem como para interlocutar com personagens em distintos locais do mundo. Aqui, visualidade e auralidade reúnem-se e complexificam-se através do recurso a formas e tecnologias de transmissão de conteúdos numa ampla paisagem mediática.

Para a **Inês Mestre** é a linguagem fílmica que tem sustentado as suas mais recentes pesquisas - mestrado e doutoramento - que também se constituem ambas em torno de dimensões alimentares. I.M. concebe a produção de imagens não como uma forma de ilustrar conceitos ou documentar situações, mas antes como um canal de argumentação antropológica autónomo, que lhe permitiu abordar áreas da experiência social com as quais o meio audiovisual demonstra especial afinidade expressiva, como sejam a corporal, sensorial, temporal e pessoal, parafraseando David MacDougall (2008). A sua actual pesquisa de doutoramento marcada por um enfoque em processos de patrimonilização da doçaria tem-lhe permitido refletir sobre os contributos que o audiovisual pode trazer precisamente para os estudos do património, da memória e da alimentação.

O projeto de **Sandra C. S. Marques** tem como objectivo, em primeiro lugar, contribuir para um conhecimento alargado das práticas e representações do corpo na Índia Bengali enquanto mediadores de construção e adscrição identitária, através da análise dos sujeitos Baul-Fakir [praticantes de yoga Baul] (as “Canções Baul” foram, em 2005, proclamadas Património da Humanidade pela UNESCO). Sob outro ângulo, um segundo objectivo desta pesquisa, prende-se com o aprofundamento da análise de representações visuais e da aplicação de metodologias visuais aos processos de investigação.

A estes autores aqui agrupados, como temos vindo a perceber, poderíamos juntar Kelen Pessuto, o Pedro Antunes ou Teresa Fradique pelos seus usos variados de métodos visuais e leituras das narrativas cinematográficas; ou Diana West que investiga usos e fabricos colaborativos de imagens/filmes; ou Cristina Valentim e o uso dos acervos fotográficos, sonoros e fílmicos do Museu do Dundo e do espólio da Diamang em Angola...entre outros cruzamentos e constelações.

Imaterialidades no presente e no passado

Neste campo das imaterialidades - para o qual poderíamos ir buscar novamente algumas pesquisas das quais já falámos anteriormente como o caso da Inês Mestre e da sua pesquisa sobre o saber fazer da doçaria, ou de alguma forma, os *live streamers* do Paulo Raposo como contadores de histórias - congregámos aqui contributos de vários investigadores, sobretudo, pela via do património imaterial, do ritual e da performance, mas não só.

Por exemplo, um dos contributos que recebemos o de uma investigadora chamada **Agnela Wilper** centra-se numa pesquisa, em curso, sobre tradição oral em particular a partir da obra do missionário suíço Héli Chatelain. A Agnela encontra-se a fazer trabalho de campo em Angola, na região de Malange onde faz observação participante das performances dos contadores de histórias locais; o registo e descrição das suas técnicas, com o objectivo de fazer uma dramatização teatral de alguns contos de Héli Chatelain.

O **Pedro Antunes**, por seu turno, tem desenvolvido investigação em duas áreas. Por um lado, através da sua pesquisa de doutoramento em curso, que incide sobre a análise da revitalização contemporânea do ritual religioso da de culto às almas do/no Purgatório, a Encomendação das Almas, que se encontra, de momento, em processo patrimonialização no município de Idanha-a-Nova. Por outro lado, a segunda dimensão da pesquisa do Pedro foca o filme etnográfico e a performance – poderíamos levá-lo, igualmente, para o campo dos sentidos – enquanto processos metodológicos e formas culturais dialógicas de mediação reflexivas e sensoriais, analisando justamente o filme etnográfico enquanto forma performática de estar em campo.

Por fim, a pesquisa desenvolvida por **Ana Gonçalves** foca-se no papel exercido pela configuração familiar no jogo social da transmissão e da apropriação do fado,

sendo, portanto, por essa dimensão performática da transmissão e da própria herança imaterial que aqui a enquadrámos. Metodologicamente, a Ana tem trabalhado através do método das histórias de vida, tomando em consideração que a história familiar parece ser portadora de cenários de vida, mas que por outro, cada membro é incitado a posicionar-se em relação ao conjunto de expectativas e à herança simbólica que transporta.

Conclusões impossíveis

O que procurámos tornar evidente nesta breve apresentação foi a noção de cruzamento, fluidez e hibridização que caracteriza as investigações deste grupo. Por um lado, encontrar constelações que revelam as afinidades entre elas, por outro lado dar conta das interseções ou trânsitos (até mesmo com os outros grupos deste encontro) e que poderiam resultar num desenho de constelações bem diferentes desta.

Destacam-se dois aspetos que merecem uma pequena nota: a emergência de uma certa curiosidade e abertura para o som e os mundos digitais (ou os seus produtos e práticas)

Identificamos ainda exemplos de ampliação do que consideramos “terreno” (na arte e na antropologia) nomeadamente através dos modos de ver os arquivos. Uma ampliação também trazida pela reflexão metodológica que não sendo nova se mantém pertinente.

Parafraseamos o Ricardo quando afirma que “Numa altura em que várias disciplinas do conhecimento fazem uso dos métodos etnográficos, será de fulcral importância a antropologia não perder o debate sobre os usos do método que a legitimou epistemologicamente enquanto ciência”.

DISPLAYS, CONSUMOS E PATRIMÓNIOS: PERCURSOS CONTEMPORÂNEOS DA CULTURA

por Arlindo Horta, Inês Lourenço e Gláucia Péclat

A equipa *Museus e Património I* deparou-se – imaginamos que à semelhança das outras equipas – com uma grande diversidade de propostas de investigação actualmente em curso. A tarefa de encontrar linhas condutoras, ou mais amplos arcos temáticos, não é fácil nem, porventura, desejável tendo em conta que será esta diversificação de pesquisas uma das mais-valias da antropologia contemporânea. E por isso, desde logo, salvaguardamos a ideia de que a nossa arrumação provisória das propostas que nos chegaram pretende apenas ajudar a uma leitura mais clara no âmbito desta comunicação. Não queremos, de todo, encerrar qualquer das pesquisas em nichos temáticos – até porque a maioria delas, senão todas, cruzam as múltiplas dimensões e contextos apresentados.

Recebemos resumos dos investigadores Ana Piedade, Carla Queiroz, Carolina Boldoni, Constança Andrade, Darlan Marchi, Eva Maria Blum, Francisca Cardoso, Inês Mestre, Inês Ponte e Joana Lucas, além dos nossos próprios.

Organizámos as comunicações recebidas em três núcleos: um primeiro que diz respeito a trabalhos em torno da alimentação enquanto prática social – e que era, de algum modo, uma linha temática mais evidente; um segundo, à volta de contextos museológicos e/ou de patrimonialização; e um terceiro, mais diversificado, onde se destacam questões ligadas ao território.

As investigações em curso de Joana Lucas, Inês Mestre e Ana Piedade têm como denominador comum o interesse contemporâneo na alimentação como prática social e nos processos de patrimonialização associados à gastronomia. Todas elas evidenciam, de algum modo, a eficácia de elementos gastronómicos como recurso identitário, dotados de um novo capital simbólico que articula consumo e procura de *autenticidade*.

A pesquisa de **Joana Lucas** tem por objecto de estudo o processo de patrimonialização da “dieta mediterrânica” e respectiva inscrição na Lista da UNESCO e os seus efeitos nas populações locais de Tavira (em Portugal) e de

Chefchaouen (em Marrocos). A investigação procura cruzar a análise dos processos históricos dessa patrimonialização com a gestão actual desse legado em dois contextos nacionais distintos. Que discursos são veiculados num e noutro contexto, que fenómenos turísticos emergiram, como é que o discurso da mediterraneidade é articulado com a pertença histórica ao Atlântico, e em que medida esta patrimonialização da gastronomia capitaliza [cito] “a dimensão ritual e performativa da alimentação e da comensalidade, na sua transposição e adaptação às motivações turísticas contemporâneas” [fim de citação], são algumas das questões a que tentará responder.

Na mesma linha de investigação, **Inês Mestre** conduz uma pesquisa sobre elementos da chamada *doçaria portuguesa* e os processos através dos quais alguns destes elementos – *doces* – são transformados em património cultural. Procura entender o seu papel na construção das identidades de indivíduos e de grupos locais, articulando este nível micro com as dinâmicas globais de patrimonialização da alimentação. Especialmente atento às questões da memória e dos usos do passado, o seu trabalho tem procurado ainda combinar a escrita com os meios audiovisuais e com práticas metodológicas experimentais.

Ana Piedade trabalha sobre a região do Alentejo e procura perceber como determinados elementos gastronómicos deste contexto anteriormente associados a *comida de pobres* se têm transformado em *comida da moda*, salientando os processos de patrimonialização de que a comida alentejana tem vindo a ser alvo e a sua constituição como eficaz marcador identitário do local. A pesquisa desenvolve-se a partir de trabalho de campo nos concelhos de Beja e Serpa, no Alentejo, e da Moita e do Barreiro, na periferia de Lisboa, com especial incidência na recolha de histórias de vida e de depoimentos em torno dos pratos usualmente consumidos em contextos de trabalho e de festa. Ana Piedade participa ainda num estudo, em fase inicial, sobre “memórias da água”, a partir da recolha de lendas portuguesas relacionadas com a água.

No âmbito da investigação em torno de colecções museológicas, encontra-se o trabalho de **Francisca Alves Cardoso** sobre as Colecções de Esqueletos Humanos Identificados e o seu enquadramento ético e legal. Com este projecto a investigadora pretende contribuir para o esclarecimento público sobre a forma

como são utilizados vestígios humanos por disciplinas tais como a antropologia e a arqueologia – valorizando conseqüentemente a sua importância para o conhecimento científico. A investigadora pretende explorar o impacto das práticas científicas que utilizam vestígios humanos através de uma abordagem interdisciplinar, recorrendo a várias fontes (arquivos documentais, entrevistas semiestruturadas e questionários)

No seguimento das abordagens aos contextos museológicos, a perspectiva etnográfica e histórica de práticas museológicas desenvolvida por **Inês Ponte** com base em duas colecções do acervo do Museu Nacional de Etnologia, permitiu a análise entre contexto de produção, coleta e exposição.

As colecções analisadas têm em comum a sua produção rural e artesanal, permitindo as pinturas *patua* (Pinturas *patua* de Bengala Ocidental) reflectir sobre o conceito de “tradição cosmopolita” relativamente à comunidade autora da colecção, pela diversidade do seu estilo de pintura, continuidade da performance e na inovação do papel da mulher através desta prática artística. O estudo da colecção das bonecas do Sudoeste de Angola (recolhidas entre 1950 e 1970) originou também uma etnografia sobre as práticas de produção artesanal e a sua recolha etnográfica transnacional em contexto pós-colonial em torno dos significados que estas bonecas têm para os seus artesãos e para os coleccionadores e curadores dos museus.

Esta investigação realizada resultou ainda em atividades desenvolvidas no MNE a partir das duas colecções referidas: a atividade de contar histórias a partir das Pinturas *patua* expostas para públicos de diferentes idades e o módulo na atual exposição permanente de bonecas do Sudoeste de Angola e respectivo catálogo.

As conseqüências pós-coloniais, de que é exemplo a migração para Portugal a partir das suas antigas colónias constituem também a base da pesquisa desenvolvida por **Inês Lourenço**, onde, em momentos diferentes o denominador comum é a Índia como origem geográfica, histórica e cultural deste património.

Esta investigação irá assentar em terrenos múltiplos, resultando num cruzamento de um trabalho de abordagem aos processos museológicos com pesquisa etnográfica. Num primeiro plano, realizou-se uma abordagem ao património material originário da Índia colonial de museus locais e de colecções privadas, que

tem sido ignorado. Esta primeira etapa consistiu no conhecimento extensivo das coleções existentes, dos tipos de materiais que as integram e das modalidades expositivas que constroem os seus significados, permitindo um afunilamento para uma etnografia em torno do património religioso e cultural das comunidades de origem indiana em trânsito, residentes em Portugal.

No seguimento do trabalho etnográfico será realizada em colaboração com o Museu Nacional de Etnologia uma exposição centrada em objectos transportados por indivíduos em mobilidade, provenientes do contexto sul asiático, para Portugal. Esta articulação assenta na ideia do museu como um espaço de encontro transcultural. Esta exposição pretende, a partir de objectos seleccionados por indivíduos de origem sul asiática a residir em Portugal, abordar as suas trajetórias geográficas e identitárias com base em histórias de vida, ou outros tipos de relatos em torno dos percursos biográficos dos seus objectos.

Dentro do terceiro núcleo que identificámos, algumas temáticas cruzam-se também com o contexto migratório, como é o caso que apresentamos de seguida, embora aqui o denominador comum seja a articulação entre território e património.

Assim, a investigação de **Carla Queiroz** tem como objecto etnográfico a prática Caboverdeana de Kola San Jon, propondo a investigadora estudar o processo de patrimonialização desta manifestação cultural entre a comunidade de imigrantes caboverdeanos em Portugal, particularmente no bairro da Cova da Moura, onde esta prática decorre e de onde surgiu o processo de integração no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, em 2013, promovido por uma associação local com o apoio de um antropólogo e de um etnomusicólogo.

A pesquisa etnográfica foi complementada por uma deslocação a Cabo Verde, onde a investigadora irá observar o impacto da patrimonialização do Kola San Jon em Portugal, no país de origem desta prática, no sentido de avaliar a possibilidade de inscrição desta expressão caboverdiana na lista representativa da UNESCO.

A investigação de **Darlan Marchi** centra-se também em torno das políticas patrimoniais, associadas a representações históricas, religiosas, políticas e étnicas no sul do Brasil e à forma como a selecção do património missionário se sobrepõe ao passado histórico local que se caracterizou por sucessivos povoamentos após o

declínio do projecto jesuíta, influenciando o resultante contexto étnico-cultural multifacetado da cidade de S. Miguel das Missões. Estudando os reflexos da ativação patrimonial e da intervenção da UNESCO no passado, o investigador recorre à abordagem interdisciplinar entre história e antropologia para compreender os processos de negociação em torno do património.

Através dos casos da cidade de São Miguel das Missões e de uma breve comparação com Évora, o investigador demonstra como a «exacerbação dos discursos, a espetacularização do património, os embates difusos, os usos identitários e comerciais acabam projetando o lugar para além dos sentidos que ele possuía a nível local».

Outras investigações incorporam também, no estudo de processos de patrimonialização, questões ligadas ao território e à transmissão da memória.

Desde 2000, **Eva Blum** tem analisado, numa perspectiva da longa duração, os processos de patrimonialização e preservação de memórias no contexto de planeamento urbano e da culturalização de cidades. Seu objeto de investigação e de maior atenção é a Frente Ribeirinha Nascente de Almada. Este espaço sofreu ao longo de mais de cem anos, várias alterações e profundas remodelações e é hoje, em grande parte, constituído por zonas industriais devolutas, entre elas o grande estaleiro da antiga Lisnave. Duas grandes questões permeiam o seu trabalho: a perspetiva do *Heritage Making* e a problemática das *Creative Cities*. Dimensões que a levam questionar: Como lidar com o passado muito rico e diverso de um território quando se planeia uma mega-urbanização moderna? E ainda, como pensar nos processos da construção social do património e da crescente economização da cultura?

Passando para um contexto completamente diferente, mas onde o passado é também o recurso para a reactivação patrimonial, **Carolina Boldoni** centra-se nos processos de construção de patrimónios a partir de rituais, narrativas e paisagens sagradas em Timor Leste. Pretendendo compreender a forma como as cosmologias tradicionais timorenses em torno dos antepassados se encontram enraizadas nas paisagens e no processos actuais de memória (*remembering*) a investigadora propõe abordar como eventos históricos (particularmente as deslocalizações

forçadas e a morte de membros das comunidades decorridos durante a ocupação indonésia) ecoam no presente, de formas verbais e não-verbais.

Assente num trabalho de campo em Timor Leste (na zona do Monte Matebian, tradicionalmente considerado pelos locais território sagrado) pretende escutar os discursos das comunidades rurais sobre formas locais de construção de património: ancorados num passado ancestral, revigoram a ligação entre seres humanos e a realidade sobrenatural como estratégia para ultrapassar os eventos trágicos decorridos naquele local durante o período de ocupação indonésia.

A criação de uma identidade local, e a sua transmissão, será compreendida através da observação de um conjunto de práticas que corroboram uma forma específica de pensar o mundo intrinsecamente associadas ao território, considerado pela investigadora um processo de construção de património.

A construção da memória em torno de práticas específicas é também um tema dominante da pesquisa de **Gláucia Péclat** que se centra no estudo do canto do chocalho (Yafú-Mbaraká) da etnia Kaiabi – grupo indígena que vive no Baixo Xingú, estado de Mato Grosso, Brasil. Trata-se de uma pesquisa-ação, cujo objetivo é revalorizar o canto do chocalho, pois na batalha da memória do grupo, este canto tem sido uma forma de traduzir a partir da comunicação corporal, a gestualidade das experiências vividas por boa parte dos Kaiabi, considerando que o grupo sofreu desterritorialização, o que gerou uma quebra de vínculos, um afastamento e perda de acesso aos seus territórios simbólicos.

Com os dados já existentes no Museu de Pré-História Casa Dom Aquino na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, esta pesquisa-ação acerca do Yafú-Mbaraká será um alimento de outras histórias – base de possíveis interpretações sobre silêncios e interditos pelos quais os Kaiabi têm passado ao longo da sua própria história. O que se pretende numa ação futura é inscrever os resultados deste projeto na plataforma “Povos Originários do Brasil”, abrindo campo para interlocução com a sociedade civil e demais pesquisadores interessados na temática indígena e museus. Este projeto de investigação é financiado pelo Ministério da Cultura (MinC) em parceria com a Universidade Federal do Pernambuco. Conta com a participação de seis bolseiros, sendo um deles, o indígena Tari Kaiabi.

De regresso ao contexto português, a articulação entre a produção de patrimónios e cultura popular é abordada por **Arlindo Horta**, que propõe estudar estratégias locais para produzir visibilidade através de práticas *media-related* que mobilizam explícita ou implicitamente a categoria património (oficial e não oficial), em particular o PCI como reconfiguração da ideia de cultura popular. Pretende analisar esta produção de visibilidade mediática em contexto nacional (numa lógica *top-down*) e em contexto local (numa lógica *bottom-up*). Em contexto nacional visa acompanhar o programa de televisão “Somos Portugal” – programa itinerante que viaja pelo país e realiza semanalmente emissões em direto de localidades diversas. Em relação ao contexto local, pretende fazer uma etnografia da produção audiovisual difundida através da internet, com base num município do Alentejo (região com dois elementos já inscritos nas Listas da Unesco).

O projeto irá circunscrever-se a produtos audiovisuais (programas de televisão, clipes promocionais, reportagens, vídeos institucionais) na perspectiva de analisar as imagens que são produzidas a partir da ativação de um imaginário patrimonial, por um lado, e fazer a etnografia dessa produção, por outro, dando conta dos atores que intervêm no processo, das práticas e discursos que lhe estão associados e dos modelos de produção que os sustentam.

Finalmente, a participação directa em projectos de estudo do património em Portugal tem sido desenvolvida por Constança Andrade, realizando trabalhos de inventário e estudo de Património Imaterial, nomeadamente para a Rota do Românico, mas também nas regiões do Douro, Barroso, Minho e concelho de Arouca. Fez inventários de Património Material na região do Douro (património cultural geral, quintas históricas e património associado), no município de Vagos (património religioso), e no Alentejo (inventário das estações de caminho de ferro desactivadas para a Quatenaire Portugal/ REFER). Fez inventários de património documental para a APHVIN-GEHVID (Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho / Grupo de Estudos de História da Viticultura e do Vinho do Porto), Universidade Católica Portuguesa (espólio da ourivesaria histórica Rosas, do Porto), Casa da Música e Universidade Católica Portuguesa (espólio do Orpheon Portuense). Ainda neste âmbito, tem realizado diversos projectos expositivos (de

investigação, de definição de conteúdos e do percurso expositivo e coordenação geral do projecto) para museus em fase de constituição.

Resumindo: a maioria dos trabalhos de investigação apresentados incide, através de diferentes perspectivas e de diversificados objectos de estudo, sobre património e processos de patrimonialização. O estudo de colecções e a colaboração entre antropologia e museus complementam as actividades desenvolvidas pela equipa que acabámos de apresentar.

«VIDAS SEGUNDAS»: ANTROPOLOGIA, MUSEUS E PATRIMÓNIO

Por Vera Marques Alves, Marta Prista e Rita Jerónimo da Silva

O Grupo associado à área de estudo “Museus e Património II” é constituído por 21 elementos aos quais foi solicitado um pequeno texto dando conta das suas reflexões em torno deste tema, bem como os recortes conceptuais subjacentes ao trabalho desenvolvido. Destes, 11 responderam ao apelo. A nossa opção para esta apresentação foi a de procurar encontrar conexões entre os diferentes trabalhos desenvolvidos por estes investigadores.

Assim, do conjunto das respostas podemos retirar alguns dados genéricos:

- Cerca de metade dos investigadores trabalham as problemáticas do património em primeiro plano e os restantes investigadores centram-se nas questões levantadas pelos Museus (estando, no entanto, em todos os casos sempre presentes as problemáticas do património);
- A maior parte dos investigadores trabalham os temas a uma escala nacional, dois investigadores em processos de carácter mais local e três investigadores sobre contextos coloniais;
- De uma maneira geral, os estudos de caso materializam-se em objetos que convocam categorias de cultura: Popular, Étnico, Industrial, Moderno, Arte.

A primeira conclusão que se pode retirar da leitura dos textos é a confirmação de um significativo alargamento do conceito de património que percorre agora, desde os locais históricos e turísticos, até às memórias coletivas e à imaterialidade dos fenómenos culturais. As abordagens e estudos de caso selecionados deixam perceber que o património deixou definitivamente de ser um assunto que interessa a uma elite, para se transformar, nas palavras de Lowenthal, numa “enorme cruzada”. Este alargamento tem consequências diretas e evidentes nas práticas e políticas da cultura, como as diversas investigações em curso deixam perceber.

Resulta ainda da leitura dos diferentes textos, a identificação da ideia de Regina Bendix de que o património “não existe, constrói-se”, como um traço comum base. Subjaz à maioria dos textos a intencionalidade da análise de processos de patrimonialização, ou seja, da “construção/criação” de “objetos etnográficos” pela

antropologia ou pelos museus ou da produção de “patrimónios” através de políticas patrimoniais.

O título que demos à nossa apresentação, «Vidas segundas: antropologia, museus e património», reflete uma noção que nos parece constituir um chapéu conceptual que une as diferentes investigações em curso neste grupo. Trata-se da ideia de que os elementos culturais têm uma “segunda vida”, noção avançada por Barbara Kirshenblatt-Gimblett, de acordo com a qual, tais elementos através dos processos de patrimonialização, são dotados de uma espécie de nova vida, “uma vida como exibição de si mesmos”, ou seja, testemunhos de algo que foram, mas deixaram de ser.

Parece-nos ainda decorrer dos diversos textos que, nos processos de legitimação e constituição de valor que subjazem à construção do património, é produzido algo de novo, são acrescentados objetos, incorporadas práticas e expressões. Ou seja, o património é uma ferramenta de intervenção no presente cuja análise se enquadra no estudo dos usos políticos da cultura. Mais, tal como afirma Herzfeld, a “construção” do património resulta de um processo de seleção dos referentes culturais tendo em vista a sua utilidade e funcionalidade no plano social e económico. O significado conferido ao património resulta de uma multiplicidade de interesses e circunstâncias.

Ainda que a enunciação da cultura (em museus ou patrimónios) seja movida por interesses do presente, e logo viabilizada por agentes que detêm o poder, a agencialidade dos objetos e a agência dos atores sociais é determinante à ressonância social (ou falta dela) dos discursos produzidos pelos repertórios museológicos e patrimoniais. Algumas pesquisas enfocam particularmente esta dialogia, como é o caso de Mariana Silva, Marta Prista, Nuno Porto e Joana Almeida, para citar alguns exemplos.

Estes processos contemporâneos estão bem patentes nas investigações que dizem respeito aos museus: no caso de Nélia Dias, na relação entre museus e a história da antropologia; para Vera Marques Alves, a relação entre acervos museológicos e organização expositiva com os fatores políticos, culturais e científicos; o estudo de coleções para Jorge Freitas Branco; e a relação entre os Museus moçambicanos e o contexto da sua formação (neste caso colonial) analisados por Tânia Madureira.

Relativamente ao património, vemos os processos de patrimonialização, seja do artesanato (Vera Marques Alves), do fado (Rita Jerónimo), das Pousadas de Portugal (Marta Prista), da arte Cokwe (Nuno Porto), da memória da ditadura (Joana Almeida), da atividade industrial (Mariana Silva) ou da alimentação e gastronomia (Raquel Moreira) serem analisados enquanto objetos, discursos e significados produzidos que circulam, são reapropriados e ressocializados, discutindo as tensões, os conflitos e as eventuais inversões simbólicas resultantes. As diversas investigações em curso parecem contribuir para a desconstrução das ideias, até há alguns anos vigentes: de que o património tem só a ver com o passado; de que o património visa a preservação da verdade e da autenticidade ou de que o património é inocente e neutro. Como veremos adiante, o património e os museus constituem-se alavancados nos valores do presente, “neutralizando” o cariz problemático e eminentemente conflitual da história.

É ainda de referir a relação que a maior parte dos trabalhos têm com a questão da “construção” de identidades, aspeto inerente ao estudo do passado e da cultura. Resulta do que tem vindo a ser dito que as culturas passaram a ser encaradas enquanto um conjunto de processos em que práticas antigas e novas são adaptadas e adotadas dentro de um sistema cultural com sentido para as comunidades. Este “sentido” está na base daquilo que liga a cultura à identidade transformando-a em património. Nas investigações levadas a cabo por Nuno Porto, Tânia Madureira e Rita Jerónimo está presente a ideia de construção de patrimónios aliada à constituição de identidades nacionais, no caso de Mariana Silva e Maria de Jesus Espada são tratados processos de construção identitária local.

Referimos, por fim, a presença cada vez mais consistente na antropologia da categoria do património cultural imaterial, que assume o património enquanto ação social e cultural com efeitos diretos e uma conexão privilegiada sobre a comunidade.

Ainda que nem sempre de forma explícita, as pesquisas sobre Patrimónios e Museus parecem articular três conceitos e os debates em seu torno: a objectificação da cultura (Handler 1988), a mercadorização da cultura (Greenwood 1977, Cohen 1988) e da ideia de património como produção metacultural (Kirshenblatt-Gimblett 2004).

De entre os vários sentidos que Richard Handler deu ao conceito de objectificação da cultura, duas concepções destacam-se no modo como os investigadores do PPC abordam os seus temas e terrenos de pesquisa. Uma diz respeito aos processos através dos quais determinados traços da cultura, como é o caso das tradições, da cultura material, ou da arquitetura, entre outros, são constituídos em coisas a estudar, a catalogar e a exibir através de processos de seleção e reinterpretação dos seus repertórios. A outra concepção é relativa à constituição da cultura como património de uma entidade coletiva, no sentido de uma propriedade ou algo que um determinado grupo detém, física ou simbolicamente. Num e no outro caso, o que os investigadores do PPC examinam são os processos de descontextualização, recontextualização e ressignificação destes traços da cultura constituídos em património e coleções museológicas.

A autenticidade da cultura é inerentemente aceite como uma construção intelectual ocidental moderna que mais informa sobre o presente da sua procura do que sobre o passado da sua origem (cf. Cohen 1988, Handler e Saxton 1988). Neste sentido, os investigadores do PPC entendem o Património e os Museus como factos culturais em si, e não como produtos de um qualquer conhecimento científico, histórico ou etnográfico.

Quem trabalha a partir dos Museus, por exemplo, examina as coleções museológicas como uma objectificação do Outro no espaço ou no tempo. Os trabalhos de Freitas Branco e Vera Alves sobre museus etnográficos em Portugal, ou as pesquisas Nélia Dias, Tânia Madureira ou Nuno Porto sobre museus etnográficos em espaços coloniais, evidenciam o seu entendimento como dispositivos de imaginação do Outro condicionados por pensamentos políticos, culturais e científicos que são dinâmicos e contextuais. O que está em análise são assim os processos de produção de conhecimento que configuram tanto quanto são configurados pela construção museológica. No limite, os Museus proporcionam um terreno para o estudo da história da antropologia, o que não só explica o entrelaçamento destas áreas de estudo nas pesquisas dos investigadores do PPC, como espelha a reflexividade da própria disciplina hoje.

De modo similar, o património é estudado pelos investigadores do PP enquanto produto de processos de objectificação de um passado que é cada vez mais

alargado no que respeita aos seus referentes temporais, espaciais e sociais. Algumas pesquisas debruçam-se sobre repertórios patrimoniais mais clássicos, como é o caso da arquitetura enquanto objeto e terreno de investigação de Marta Prista, ou do artesanato alvo de processos de revitalização imersos em discursos identitários e conservacionistas que Tânia Madureira analisa. Outros investigadores exploram os investimentos mais recentes no património cultural imaterial. É o caso de Ana Gonçalves e Rita Jerónimo e a atenção ao fado como herança cultura e património mundial, respetivamente, de Raquel Moreira e do estudo dos processos de patrimonialização da cultura alimentar que a constituem como gastronomia, ou mesmo de Joana Almeida que explora os processos de patrimonialização da memória histórica através do estudo de caso da requalificação de lugares simbólicos da ditadura, como é o caso do projeto museológico da Casa da PIDE no Porto.

Em todos os trabalhos destes investigadores do PPC é contudo latente a diluição das fronteiras conceptuais entre o que é material e o que é imaterial num entendimento da cultura material enquanto objectificação dos processos culturais que lhe dão forma e significado ao mesmo tempo que são por ela reconfigurados (cf. Miller 1994). De forma mais explícita, este entendimento manifesta-se quer na análise das implicações da materialidade em pesquisa preocupadas com a biografia das coisas, de que é exemplo o trabalho de Freitas Branco; quer na contemplação das emoções como facto cativo dos processos de patrimonialização, de que é exemplo a pesquisa de Joana Almeida.

Em várias pesquisas, estes processos de objectificação da cultura são analisados nos contextos da sua mercadorização. Assumindo a natureza construída da autenticidade, os investigadores do PPC atualizam o entendimento de Davyd Greenwood da mercadorização da cultura como processo que leva à destruição dos seus significados à luz de contributos teóricos posteriores, centrando-se no modo como a constituição de traços da cultura e da história em objetos passíveis de empacotar e vender, nomeadamente em processos de turistificação e consumo cultural, reconfigura tanto quanto é reconfigurada por significados culturais e dinâmicas sociais em contextos particulares. Neste sentido, os investigadores do PPC parecem partilhar da ideia que o património não é algo que existe em si, nem a

patrimonialização pode fixar no tempo e no espaço uma determinada manifestação cultural que se pretende salvaguardar. A patrimonialização pressupõe uma conceção que é transnacional, mas opera em tempos e espaços particulares; os seus acores são cativos e detentores de agência, os seus projetos são contingentes, e os seus processos são negociados. É por isso uma forma de produção meta cultural (Kirshenblatt-Gimblett 2004), que constrói um passado e cultural no e para presente.

Um dos terrenos que se destaca na leitura que os investigadores do PPC fazem destes processos de objectificação e mercadorização da cultura e do passado é o turismo. Atrações turísticas como os museus ou o património arquitetónico, e produtos turísticos de que o artesanato ou a gastronomia são exemplos, são os estudos de caso de quem trabalha os processos e os agentes de construção de cultura e de passado, bem como a reconfiguração dos seus significados, valores e repertórios. Os investigadores parecem assim partilhar a ideia de Maria Cardeira da Silva (2004) de que o turismo é um terreno útil para discutir os temas e preocupações da antropologia ao reterritorializá-los operativamente.

Outro tema que sobressai entre as pesquisas dos investigadores do PPC sobre património e museus é a arte. Muito embora não sejam transversalmente explícitos os recortes conceptuais da antropologia da arte ou dos estudos da cultura material, vários investigadores trabalham sobre repertórios de cultura que os processos de objectificação, patrimonialização e mercadorização esteticizaram e constituíram como arte. É o caso da análise da constituição da cultura material Cokwe como categoria da História da Arte Africana por Nuno Porto, da valorização económica e simbólica da produção industrial de bens que reinventam artisticamente a tradição trabalhada por Mariana Silva, dos usos da tradição na produção da arquitetura como arte e técnica modernas que Marta Prista analisa, ou das leituras da gastronomia enquanto patrimonialização da cultura alimentar desenvolvidas por Raquel Moreira. Ainda que indiretamente, o tema é também latente em pesquisas sobre dispositivos museológicos que deixaram de objetivar a leitura científica para proporcionarem a apropriação estética da cultura popular, como a de Freitas Branco, ou na compreensão das agendas estéticas e intelectuais por detrás da revitalização de saberes-fazer e artesanato que procura Tânia Madureira.

A arte é assim tematizada a partir da análise de processos de constituição de traços da cultura em objetos cuja ressocialização altera o modo como são entendidos e classificados. Adquirindo novos usos, valores e significados, o que eram objetos da cultura popular ou industrial tornam-se objetos de consumo cultural e artístico de uma cultura erudita. Como mostram Vera Marques Alves, Mariana Silva ou Nuno Porto, nestes processos, os camponeses, os operários ou um grupo étnico tornam-se artistas. Estes investigadores reconhecem a constituição de cultura em arte como processo de empoderamento, mas igualmente como um processo de seleção e de alienação de aspetos da cultura que são deixados na sombra pelo enaltecimento de outros. Se a cultura é entendida como processo cativo, dinâmico e contextual de construção e comunicação de significados (cf. Storey 2003), os investigadores do PPC mostram como as suas categorias são igualmente plásticas e fluidas porque criadas por quem detém o poder ou o interesse numa enunciação particular em determinado presente.

Reforçando algumas das ideias já expressas, interessa sublinhar que, de diferentes modos, as pesquisas dos membros desta linha de investigação partilham um mesmo traço: resgatam dimensões do fenómeno patrimonial e das instituições museológicas que estão usualmente ausentes do discurso oficial. Ou, dito de outra forma, tornam visível o carácter problemático, disputado e por vezes ambivalente daquilo que é usualmente visto como representando valores consensuais, e fazem-no a propósito de diferentes temas e objetos de estudo: entre esses temas, destaco alguns: o património imaterial (Rita Jerónimo); a arquitetura e o turismo (Marta); o património industrial (Mariana Silva); o chamado «património difícil» (Joana Almeida); a chamada arte popular (Vera Alves) e os museus e coleções etnográficas (nas pesquisas de Nélia Dias, Freitas Branco, Nuno Porto e Tânia Madureira).

Esta heterogeneidade temática permite interrogar o teor aparentemente pacífico do património e dos museus de formas também elas diversas: o estudo de Joana Almeida sobre a musealização das instalações da PIDE no Porto, por exemplo, remete-nos claramente para a categoria de «patrimónios difíceis», categoria que diz respeito a lugares de memória particularmente traumática, que tem entre os seus exemplos mais conhecidos, a musealização dos campos de concentração nazi ou os museus dedicados à história da escravatura. Este é um domínio de estudo

particularmente relevante para analisar o alcance dos processos de património. No caso estudado por J. Almeida, poder-se-ia dizer, as entidades oficiais promovem uma política da memória que contraria uma leitura heroica e glorificadora da história nacional e que remete para aspetos menos consensuais das leituras sobre o passado, que ainda hoje atravessam a sociedade portuguesa. Seguindo entretanto a proposta já enunciada de Kirshenblatt-Gimblett (1998), de acordo com a qual o património usaria o passado para responder a questões do presente, pensamos que o tema em causa levanta ainda assim um conjunto de interrogações. Será importante pensar, em particular, que outros conflitos, passados e atuais, são deixados na sombra através da musealização de um lugar de perseguição e repressão política (que hoje está presente também no museu do Aljube). A questão que esta pesquisa pode colocar é a de saber de que modo estes processos de revisitação da história poderão, por exemplo, concorrer para uma celebração acrítica da sociedade coeva, arrumando o conflito e a repressão nas gavetas da história e do passado, e, assim, ilibando outras violências e repressões passadas e contemporâneas.

Esta ligação entre o passado e o presente é de facto crucial para entender o fenómeno do património. Vejamos, como exemplo, a investigação atual de Mariana Silva sobre a musealização de antigos complexos industriais situados em S. João da Madeira que mostra, justamente, como esta valorização do património das antigas fábricas é acompanhada pela instalação de novas indústrias criativas que vendem, acima de tudo, o design dos seus produtos. Não por acaso, nos referidos museus, a antiga atividade fabril dos operários é lembrada e comemorada enquanto forma de arte ou perícia artesanal, e nunca enquanto trabalho assalariado, enquadrado em determinadas relações de produção. O que se verifica nestas formas de musealização de antigas fábricas é, pois, o encobrimento do trabalho e dos seus contextos sociais e económicos, o que aliás, retoma velhas fórmulas de celebração da cultura material de diferentes populações enquanto arte. Quando falamos, por exemplo, na emergência e no desenvolvimento da categoria de arte popular, desde finais do século XIX, falamos igualmente num processo de invisibilização do trabalho e dos conflitos que lhe estão associados. Entre as investigações aqui contempladas, há várias que abordam estes processos de categorização de objetos

-- Nuno Porto tem estudado a construção dessa categoria que é a Arte Cokwé; Vera Marques Alves tem analisado o desenvolvimento da ideia de arte popular portuguesa, nos anos 20 e 30 do século XX.

Por outro lado, as pesquisas sobre coleções e museus etnográficos – como as que são levadas a cabo por Nélia Dias, num trabalho consistente de muitos anos -- têm-se debruçado sobre essa complexa história de classificação ocidental dos objetos outros que engloba a categoria de objeto etnográfico. Os estudos sobre museus e coleções etnográficas que interessam a investigadores como N. Dias, J. Freitas Branco, Nuno Porto ou Tânia Madureira têm, parece-nos, tornado óbvio o cariz historicamente contingente e parcial das chamadas coleções etnográficas e permitem-nos entretanto considerar as visões conflituais, as ambiguidades e a complexidade de fatores, que subjazem à sua formação, e que englobam os processos de construção das identidades nacionais, os processos coloniais e as transformações sociais e culturais inerentes às sociedades contemporâneas. Tais estudos permitem, também, perceber diferentes modos de cruzamento entre ciência e ideologia.

Retomando, entretanto, a ideia inicial, verificamos que em contraste com aquilo que estes estudos permitem vislumbrar, as instituições concretas que são os museus, bem como os processos concretos de patrimonialização lidam muitas vezes mal com as ambiguidades do passado e do presente. É o que está patente na patrimonialização das antigas fábricas, estudada por Mariana Silva, que parece incapaz de, ao mesmo tempo que valoriza a antiga perícia manual dos seus trabalhadores, fazer menção a um passado feito de conflitos ou greves. É talvez também essa dificuldade em assumir os aspetos problemáticos e ambíguos da realidade social que explica – e terminamos com esta nota – que, atualmente, seja mais fácil musealizar lugares que nos falam da perseguição política levada a cabo durante o Estado Novo, abertamente condenada no âmbito dos discursos oficiais contemporâneos – falamos da musealização de instalações da antiga PIDE-- do que assumir a validade museológica de objetos ambíguos na sua relação com o Estado Novo como é o caso do Museu de Arte Popular. De resto, é também a dimensão ambivalente e problemática das coleções etnográficas que continua a não ser assumida em diferentes museus. Na verdade, parece-nos que uma das questões

que surge bastante marcada em várias das pesquisas em causa, é a forma como patrimónios e museus tentam, acima de tudo, desembaraçar-se da história.

BIBLIOGRAFIA

- BENDIX, Regina, 1997. *Search of Authenticity. The Formation of Folklore Studies*. Madison, The University of Wisconsin Press.
- COHEN, Erik, 1988, "Authenticity and Commoditization in Tourism", *Annals of Tourism Research*, 15 (3): 371-386.
- GREENWOOD, Davydd, 1977, "Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural Commoditization", em Valene Smith (ed.), *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Oxford, Basil Blackwell, 129-138.
- HANDLER, Richard e William Saxton, 1988, "Dyssimulation: Reflexivity, Narrative, and the Quest for Authenticity in "Living History"", *Cultural Anthropology*, 3 (3): 242-260.
- HANDLER, Richard, 1988, *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*. Madison, The Wisconsin University Press.
- HERZFELD, Michael, 1991. *A Place in History. Social and Monumental Time in a Cretan Town*. New Jersey, Princeton University Press.
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara, 2004, "Intangible Heritage as Metacultural Production", *Museum International*, 56 (1-2): 52-65.
- LOWENTHAL, David, 1998. *The Heritage Crusade and the Spoils of History*. Cambridge University Press.
- MILLER, Daniel, 1994, "Artefacts and the meaning of things", em Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 396-419.
- SILVA, Maria Cardeira da, 2004, "Introdução: por uma antropologia dos lugares turísticos", em *Outros Trópicos: Novos destinos turísticos, Novos terrenos da antropologia*. Lisboa, Livros Horizonte, 7-18.
- STOREY, John, 2003. *Inventing Popular Culture: From Folklore to Globalization*. Oxford, Blackwell Publishing.

TURISMO E DIVERSIDADE CULTURAL NA ATRATIVIDADE DOS TERRITÓRIOS

Por Eunice Lopes e Raquel Moreira

O que para mim é estimulante no turismo, é tomar os seus terrenos como campos laboratoriais estrategicamente interessantes para a antropologia onde ela deve, e pode, afirmar a sua especificidade recorrendo, justamente, a uma delimitação artificial de um lugar (que não é empreendido por ela: “os lugares turísticos”) e que pode explorar com um know how específico de atribuição de voz ao local e de enquadramento mais vasto no seu quadro de produção social.

Cardeira da Silva, 2004, p.11

Turismo e diversidade cultural na atratividade dos territórios foi o título que escolhemos para a intervenção no 1.º Encontro do Grupo Práticas e Políticas da Cultura, realizado no Museu de Etnologia, em outubro de 2016. Esta designação decorreu do teor dos contributos enviados pelos membros do GPPC que nas suas investigações, concluídas ou em curso, abordam o tema do turismo.

A presente análise baseia-se no trabalho de nove investigadores, traduzindo-se num total de cerca de vintes investigações diferentes. A maioria dessas pesquisas abordam o turismo a partir de outros temas, o que é revelador da presença de práticas turísticas em diversos territórios e campos de estudo. Como temáticas de estudo ressaltam o património, as identidades e as reconfigurações territoriais e/ou culturais, domínios em que o turismo se tem tornado cada vez mais um fenómeno incontornável. Ou seja, conforme refere Cardeira da Silva (2004), de certo modo, através do turismo, a antropologia reencontra-se com o “lugar” como palco de dinâmicas sociais e culturais reconfiguradas pelo fenómeno turístico.

Mas, antes de prosseguirmos impõe-se a questão: de que falamos quando falamos de turismo e porque se torna tão necessário o seu estudo?

O turismo surgiu com a viagem por motivos de conhecimento, lazer e, mais tarde, por motivo de saúde e bem-estar. Referimo-nos ao Grand Tour, viagem que os jovens aristocratas ingleses realizavam pela Europa nos séculos XVII e XVIII, e que é considerado o antecedente mais direto do turismo. Falamos também do turismo balnear e termal, emergente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Durante a maior parte do século XX o turismo vai-se desenvolvendo e

crescendo a sua importância económica social e cultural, sempre associado principalmente a motivos de lazer. Mas, outros motivos vão surgindo, tais como razões profissionais, de negócios, religiosas, desportivas, entre muitas outras.

Atualmente o fenómeno turístico, as práticas e as experiências turísticas são tão diversificadas que se torna difícil definir o que é o turismo. Conforme refere Graça Joaquim (2015, p. 17),

“o turismo é aparentemente um fenómeno que abrange atividades, movimentações e práticas tão diferenciadas entre si que o único denominador comum entre todas elas parece ser a mobilidade. Se a palavra “turismo” não existisse estaríamos a abordar um vasto conjunto de estruturas, práticas e atores dificilmente relacionáveis no contexto da crescente pluralidade [e complexidade] que marca o fenómeno turístico”.

Foi no quadro desta complexidade, multidimensionalidade, pluralidade de práticas, mobilidade e viagem, dimensões inerentes ao fenómeno turístico, que orientámos a análise e síntese dos contributos dos investigadores do GPPC relativos à abordagem do turismo nos seus trabalhos. Nesse sentido, estabelecemos quatro critérios: os temas/projetos e áreas de estudo; as metodologias utilizadas; as palavras-chave indicadas; e os territórios de estudo.

Relativamente aos temas/projetos de investigação verifica-se uma certa predominância pelos estudos que articulam, cultura, património, identidades e turismo.

É o caso dos estudos de Eduarda Rovisco Gestão Prática da Fronteira e Processos de Identificação na Raia Central Luso-Espanhola (2004-2009), em que é abordado o processo de turistificação e criação de imagens e narrativas turísticas na zona raiana de Idanha-a-Nova, e Turismo e identificação nacional em Cabo Verde (início em 2011), em centrado numa reflexão em torno das intersecções e o crescimento do turismo e os processos de imaginação nacional em Cabo Verde.

É também o caso dos projetos Objetos Identitários. Recursos Turísticos e Turismo, Património e Museologia Marítima, de Eunice Lopes, em que os discursos, as motivações e as experiências relacionadas com espaços e objetos museológicos

(arte sacra e etnologia local) são analisados na perspetiva da construção de narrativas apropriadas pelos turistas.

No estudo Lugares de Fronteira: Indústria, Cultura e Património (2016-2019), Mariana Silva analisa processos de patrimonialização centrados no património industrial em relação com a construção da identidade local e os usos turísticos do património industrial e mercadorização de espaços de produção industrial.

Marta Lalanda Prista nas suas investigações de doutoramento e de pós-doutoramento centra-se na abordagem da arquitetura e turismo, primeiramente através do estudo sobre as Pousadas de Portugal (2006-2011), construídas na perspetiva de um certo turismo e de uma certa visão ideológica do país durante o Estado Novo, e mais recentemente nas análises das representações de identidade e cultura através da arquitetura (2012-2017). Nestes estudos nos quais a abordagem do turismo é vista na perspetiva das formas de espacialização de representações de identidade, cultura e passado e no entendimento e usos atuais da memória e do passado.

A gastronomia e a patrimonialização das culturas alimentares constituem temas indissociáveis da análise dos usos turísticos da alimentação, temática abordada nos estudos de Joana Lucas e de Raquel Moreira.

Joana Lucas, no projeto A dieta mediterrânica enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade. Para uma etnografia das suas práticas, impactos e usos turísticos em Portugal e Marrocos (2015-2022), centra-se na abordagem da patrimonialização da dieta mediterrânica decorrente da classificação como Património Imaterial da Humanidade, articulando esses processos com os usos turísticos daí decorrentes.

Neste mesmo domínio de estudo, Raquel Moreira tem estudado a patrimonialização das culturas alimentares locais, tornando-as gastronomias locais (gastronomização), processos que decorrem frequentemente em contextos turísticos. Esse percurso iniciou-se o estudo sobre as queijadas de Sintra (1999; 2004), e tem sido continuado em trabalhos como o projeto Inovar e Valorizar as Tradições Alimentares Enquanto Percursoras da Conservação da Natureza e do Desenvolvimento Local em Alcácer do Sal (2006), mais centrado na identificação de potencialidades turísticas; o Estudo sobre as Origens e as Influências da

Gastronomia do Concelho de Almada (2013) em que se procurou analisar a patrimonialização de certos pratos e locais gastronómicos; na pesquisa sobre Tendências Gastronómicas e Modificações Recentes na Cidade de Lisboa (2014; 2016); e presentemente no projeto de Levantamento do Receituário e das Tradições Gastronómicas do Concelho de Cascais (2016-2017) em que se procura identificar e caracterizar o património gastronómico do concelho de Cascais.

Num outro domínio, o das dimensões mais espaciais do turismo, nos projetos de investigação Manufacturing Lisbon in the American Mind (2015) e Turismo e Mundos Urbanos: Perspetiva Histórica Comparada (2015), Frédéric Vidal estuda o papel e os efeitos das práticas turísticas e de lazer na transformação do uso e perceção de espaços e territórios urbanos ou em via de urbanização.

A estas temáticas juntam-se outras mais específicas, como a representação do turismo na literatura (Sofia Sampaio), ou em narrativas cinematográficas (Sofia Sampaio), ou ainda o turismo visto através de outras formas de visualidade, como a fotografia (Sandra Marques).

No domínio da literatura, o estudo de Sofia Sampaio em torno da análise do turismo nos romances italianos de E.M. Forster (2008 e 2012) é o único a abordar esta temática.

Recorrendo a metodologias da antropologia visual e centrando-se na relação entre narrativas cinematográficas, discursos sobre o turismo e práticas turísticas constitui outro domínio temático de abordagem do turismo. Nele se incluem os trabalhos de Sofia Sampaio (2009-2013) e de Sandra Marques, desenvolvido na Índia, em que são analisadas as práticas de turismo internacional em Kolkata (Calcutá, Índia) examinando os modos de desempenho das imagens visuais e textuais enquanto mediadores da experiência turística e das relações Turista/Anfitrião.

Finalmente formas específicas de turismo, como o turismo ligado à água, quer seja ao mar ou a rios e albufeiras constituem temas de estudo nos trabalhos mais recentes de Eunice Lopes, designadamente o projeto Turismo, Património e Museologia Marítima (Museu da Nazaré) e Turismo Fluvial, Território e Identidade (Rio Zêzere). Num e noutro analisam-se discursos, motivações e experiências ligadas ao mar e à patrimonialização de práticas e de imaginários a ele associados,

através de um espaço museológico, no primeiro caso, e aos rios e praias fluviais no segundo caso.

Esta diversidade de temas, ainda que por vezes próximos entre si, é reveladora da multidimensionalidade e da complexidade do estudo do fenómeno turístico e também do seu papel na “produção de localidade” (Appadurai, 2004) e na mercadorização das culturas locais (Cardeira da Silva, 2004).

Relativamente às áreas de estudo, a análise efetuada revelou uma incidência nos seguintes domínios (ver PowerPoint da apresentação):

Identities, Representations, Tourism

Património e Identidades

Património, Alimentação, Patrimonialização, Turismo

Antropologia Urbana, Identidades

Antropologia do Espaço, Identidades

Antropologia do Turismo

Antropologia Visual

Antropologia Visual, Experiência turística

Antropologia da Alimentação

Antropologia e Património

A sistematização das palavras-chave utilizados pelos vários investigadores para situar os seus trabalhos é igualmente reveladora da predominância das palavras turismo, identidade, património e práticas turísticas, a par de muitos outros termos, que constam da apresentação em PowerPoint feito no encontro.

As metodologias utilizadas são as metodologias de investigação habituais em antropologia e etnologia, juntando-se de forma significativa metodologias de análise visual próprias da antropologia visual.

Quanto aos territórios de estudo é sobretudo em Portugal que a maior parte dos trabalhos se realizaram ou decorrem, em locais como Alcácer do Sal, Aveiro, S. João da Madeira, Lisboa, Almada, Cascais, Sintra, Nazaré, Fátima, Tomar, Óbidos, Idanha-a-Nova, Tavira e Viana do Castelo. Fora do território português, registamos estudos em Cabo Verde (Ilhas de Santiago, São Vicente e Boavista, na Índia (Kolkata / Calcutá) e em Marrocos (Chefchaouen).

Publicações resultantes das investigações referidas

Como resultado das investigações dos membros do GPPC, em que de alguma forma se aborda o turismo, contabilizamos cerca de cinquenta publicações, cujas referências se apresentam em seguida.

LOPES, E. R.; Mendonça, J. R., 2016, O património imaterial como produto de turismo cultural: atratividade e (re)construção dos territórios, II Conferência Internacional Turismo & História, Universidade do Algarve, Faro (em publicação).

LOPES, E. R; Santos, D., 2015, A importância das representações culturais da museologia marítima para o turismo nas zonas costeiras. 1ª Conferência Internacional Turismo em Zonas Costeiras - Oportunidades e Desafios & VIII Congresso sobre Planeamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa, – Resumos (140 pp.) Aveiro, 16 de outubro, p. 97 (ISBN 978-989-8509-12-3).

LOPES, E.R., Cabrita, E & Santinhos, L., 2015, A Fidelização no Turismo de Cruzeiros, pp. 89- 109. Soares, C.; Amorim, E.; Trentin, F. (Org.) (2015) Cruzeiros Turísticos-uma perspectiva sistémica e multidisciplinar. Coleção Ensaio - 9. Editora Textiverso, Leiria (ISBN 978-989-8812-09-4). Ramos, D., LOPES, E.R. & Marques, C., 2015, Cultural tourism as tool stimulating Coastal Tourism in Rural, Journal of Tourism Research, Volume 10, Published by Tourism Research Institute, Athens, Greece, June, pp. 144-152 (ISSN:1791-0064).

LOPES, E. R; Santos, D., 2015, Tourism and Sea of NAZARE: cultural representations in maritime museology. International Congress on Tourism – The sea and tourism, ISCT – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo, 22 de junho, Porto. (ISSN: 1489-8976)

LOPES, E. R.; Marques, C. G. & Ramos, D., 2015, Information and communication technologies and cultural tourism: appreciating the art of tinsmithing. In D. Laloumis (Ed.), 5TH International Conference on Tourism & Hospitality Management (pp. 277- 286). Athens, Greece: Tourism Research Institute. (ISSN: 1791 – 8685)

LUCAS, J., “Orientalism and imperialism in French West Africa. Considerations on travel literature, colonial tourism, and the desert as ‘commodity’ in Mauritania, in J.

- Sarmiento & E. Brito-Henriques (ed), *Tourism in the Global South Heritages. Identities and Development*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp.25-43.
- MARQUES, S.C.S., 2016, *Imagens e Turismo Na Índia: um estudo antropológico em Photovoice*, Saarbrücken, Verlag NEA. ISBN : 978-3-330-73646-7.
- MARQUES, S.C.S., 2015, *Picturing Kolkata: international tourists, hosts and the representations of the city*. Kolkata, National Council of Education, Bengal, pp. 462.
- MARQUES, S.C.S., 2009, *As Câmeras e o Turismo em Kolkata: Representações em Photovoice*. (Tese de doutoramento). Lisboa, repositório ISCTE-IUL. ISBN 978-989-732-201-3.
- MARQUES, S.C.S., 2010, “Réplicas topográficas nas narrativas de viagem sobre a Índia”, *Etnográfica* 14 (3): 419-442. MARQUES, S.C.S., 2010, “Ocidente e Ocidentais: representações dos turistas internacionais entre residentes de Kolkata, Índia”. *Quaderns-e de l'ica* 15 (1): 90-119.
- MARQUES, S.C.S., 2009, “Fabricação de imagens-destino: O impacto dos estereótipos ao nível do turismo”, *Revista turismo & desenvolvimento (RT&D)* 12: 127-138.
- MARQUES, S.C.S., 2009, “Imaginando Kolkata: O turismo internacional e as representações de terceiro mundo em photovoice”, *Arquivos da memória* 5-6 (n. S.): 119-151. MARQUES, S.C.S., 2006, “Usos y Representaciones del Espacio Público en Calcuta, Índia”, *Arxius* 14 (juny): 59-72.
- MARQUES, S.C.S., 2016, “Investigação de Imagens e Turismo em Kolkata, Índia: trabalho de campo com metodologias visuais participativas”, In Martins, H. et al. (eds). *(Re)visitando o trabalho de campo antropológico: ensaios sobre uma metodologia de envolvimento com o mundo*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. No prelo.
- MARQUES, S.C.S., 2014, “Kolkatascaes: images of an indian city”, In Bernard, V. & Tuzun, O. (eds). *Images III: images of the city*. Zurich, Berlin, LIT Verlag: 125-135. Isbn: 978-3-643-90511-6.
- MARQUES, S.C.S., 2013, « Quel degré d'authenticité les touristes peuvent-ils admettre dans leurs assiettes ? », In Andrieux, J.-Y. & Harismendy, P. (org). *L'assiette du touriste : une quête de l'authentique*, Tours, Presses Univ. François-

Rabelais & Presses Univ. De Rennes : 309-2011, 322. ISBN: 978-2-86906-312-9,
ISBN : 978-2-7535-2852-9, ISSN: 0986-4369

MARQUES, S.C.S., 2007, “Comer na Índia é perigoso!”, In Brighenti, A.M., Campos, R. & Spinelli, L. (org). Uma cidade de imagens: produções e consumos visuais em meio urbano, Lisboa, Mundos Sociais: 103-122.

MARQUES, S.C.S., 2010, “Maldives, the expression of a dreamed landscape. Paradoxes of environmental concerns on tourism policies”, In Chaudhuri & Chaudhuri (eds). 2007. Mega urbanization, multi-ethnic society urban rights and development, vol. 5. New Delhi, Inter-Índia Publications: 233-245.

MARQUES, S.C.S., 2009, “Apresentação do filme: Kolkatar Mukh – Faces de Kolkata (2009)”, In Ribeiro, J.S., Gonçalves, O. & Pinto, C. (org), Imagens da Cultura: Actas do VI seminário imagens da cultura / cultura de las imágenes (e-book/CD-ROM), CEMRI, Universidade Aberta: 225-228. Issn: 978-972-674-699-7.

MARQUES, S.C.S., 2009, Documentário: Kolkatar Mukh - Faces of Kolkata / Faces de Kolkata (30'). Co-realização: F. Sousa. Índia/Portugal.

MOREIRA, R., 2016, “A gastronomia como património intangível: tendências e modificações recentes na cidade de Lisboa”, II Conferência Internacional Turismo e História, Universidade do Algarve, Faro (em publicação).

MOREIRA, R., 2014, Imaginaires gastronomiques et destinations touristiques : Lisbonne, la sardine, la morue et le pastel de nata, Colloque International Imaginaires de la Gastronomie | Rencontres Jacques Cartier, Montréal (em publicação).

MOREIRA, R., 2006, Recursos Alimentares e Identidades Territoriais. Uma Perspectiva sobre a Gastronomia Local, in M.-M. Valagão (org.), Tradição e Inovação Alimentar. Dos Recursos Silvestres aos Itinerários Turísticos, Lisboa, Colibri, pp.153-175. 7 Joaquim, G. &

MOREIRA, R., 2006, Itinerários Turísticos. Passeando em Torno do Ambiente, do Património e da Gastronomia, in M.-M. Valagão (org.), Tradição e Inovação Alimentar. Dos Recursos Silvestres aos Itinerários Turísticos, Lisboa, Colibri, pp. 207-250.

MOREIRA, R., 2006, Queijadas de Sintra. Turismo e identidade local, in M. Cardeira da Silva (coord.), *Outros Trópicos. Novos Destinos Turísticos. Novos Terrenos da Antropologia*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 171-180.

MOREIRA, R., 1999, *Queijadas de Sintra. História de um doce regional*, Sintra, Colares Editora.

Silva, L. & PRISTA, M., 2016, "Social differentiation in the consumption of a pastoral idyll through tourist accommodation: Two Portuguese cases", *Journal of Rural Studies*, 43: 183-192.

PRISTA, M., 2015, "Hotel de Santa Luzia: de moderno a passado no turismo português / The Hotel of Santa Luzia: from modern to past in Portuguese tourism", in Botelho, J.A. & Ferreira de Castro, T. (coord.), *Santa Luzia: Olhares plurais*. Viana do Castelo, Confraria de Santa Luzia: 145-179.

PRISTA, M., 2015, "From displaying to becoming national heritage: the case of the Pousadas of Portugal", *National Identities*, 17 (3): 311-331. PRISTA, M., 2015, "No interior das pousadas do SNI: processos de mobiliário e projetos culturais" [Inside the Pousadas of SNI: furniture procedures and cultural projects], in Martins, J.P. (coord.), *Mobiliário para Edifícios Públicos em Portugal, 1934-1974*, Lisboa, MUDE / Caleidoscópio: 120-127.

PRISTA, M., 2013, "Turismo e sentido de lugar em Óbidos: uma Pousada como metáfora" [Tourism and sense of place in Óbidos: a pousada-hotel as a metaphor], *Etnográfica*, 17 (2): 369-392.

PRISTA, M., 2013, "Mediating Rurality, History and Exclusivity in Pousadas de Portugal", in Silva, L. & Figueiredo, E. (ed.), *Shaping Rural Areas in Europe. Perceptions and Outcomes on the Present and the Future*, Series GeoJournal Library, 107. Dordrecht, Springer: 109-128.

PRISTA, M., 2013, "Entendimentos e usos lugar na produção social e na construção social das Pousadas de Portugal" [Understandings and uses of place in the social production and social construction of Pousadas de Portugal], *Revista Sociedade e Cultura*, 16 (1): 47-58.

ROVISCO, E., 2013, "Do contrabando à cooperação transfronteiriça e ao turismo", 'Não queirais ser castelhana' *Fronteira e contrabando na raia da Beira Baixa*.

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pp.309-350.

ROVISCO, E., 2011, "Fronteira e turismo no "concelho mais português de Portugal", *Geopolítica(s)* 2 (1): 91-107.

SAMPAIO, S., (org.), 2016, *Viagens, olhares e imagens: Portugal 1910-1980*, Catálogo do Ciclo de Cinema. Inclui textos, entrevistas e fotogramas inéditos. Lisboa, Edições da Cinemateca Portuguesa/ CRIA.

SAMPAIO, S., 2015, "Turismo, olhares e imagens em movimento: do arquivo como repositório ao arquivo como campo", *Análise Social*, 217,1 (4.º): 830-843.

SAMPAIO, S., 2014, "Watching narratives of travel-as-transformation in *The Beach* and *The Motorcycle Diaries*", *Journal of Tourism and Cultural Change*, 12(2): 184-199.

SAMPAIO, S., 2013, "Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo", *Etnográfica*, vol. 17(1): 167-182.

SAMPAIO, S., 2012, "'I wish something would happen to you, my friend!' Tourism and liberalism in E.M. Forster's Italian novels", *Textual Practice* 26(5): 895-920.

SAMPAIO, S., Simoni, Valerio & Isnart, Cyril, 2014, "Tourism and transformation: Negotiating metaphors, experiencing change", *Journal of Tourism and Cultural Change*, 12(2): 93-101.

SAMPAIO, S., 2017, "Tourism, gender and consumer culture in late and postauthoritarian Portugal", *Tourist Studies*. VIDAL, F., 2016, "L'invention d'une poste à domicile à Lisbonne: description, perception et usage de l'espace urbain", *Histoire Urbaine*, In Press.

VIDAL, F. "History - City", in Simões, J.M. & Ferreira, C.C., *CITYSCAPES: Dialogues on Tourism and the City*, Lisboa, TERRITUR / Colibri Artes Gráficas, In Press, 10 p.

VIDAL, F., 2015, "A invenção de Macau e Cantão como lugares de lazer e de turismo (1830-1870): um estudo exploratório a partir de relatos de viagem", *Atas da III Colóquio Internacional Interdisciplinar Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*, 2015, In Press.

VIDAL, F., 2014, "Urban transformation and diffusion of tourist practices: visiting Alcântara at the turn of the 20th century", *Journal of Tourism and Cultural Change*, vol. 12-2: 118-132.

VIDAL, F., 2014, "Turismo", in Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Lisboa, Assembleia da República, volume III, 2014: 1014-1017. VIDAL, F., 2011, " 'Conhecer e amar a Pátria': o turismo nacional em Portugal no início do século XX", in Carvalho, J.M., Pereira, M.H., Ribeiro, G.S. & Vaz, M.J. (ed.), Linguagens e Fronteiras do Poder, Rio de Janeiro, FGV Editora, 130-143.

VIDAL, F., 2010, "Faire la ville et pratiquer des lieux. L'histoire du tourisme sur les pas de Michel de Certeau", Revue d'Histoire des Sciences Humaines, nº23: 99-115.

VIDAL, F. & Aurindo, M.J., 2010, "Tourism and National Identity: A new image for Portugal", in AA. VV. Travelling – Travellers and Tourists discovering Portugal during the First Republic, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República: 119-124.

LOCAL DAS INVESTIGAÇÕES

Portugal (Alcácer do Sal)

Portugal (Aveiro, S. João da Madeira)

Portugal (Lisboa)

Portugal (Região de Lisboa – Almada, Cascais, Sintra)

Portugal (Nazaré, Fátima, Tomar)

Portugal (Óbidos)

Portugal (Raia Central Luso-Espanhola – Idanha-a-Nova)

Portugal (Tavira)

Portugal (Viana do Castelo)

Cabo Verde (Ilhas de Santiago, São Vicente e Boa Vista)

Índia (Kolkata (Calcutá))

Marrocos (Chefchaouen)

Eduarda Rovisco

Projeto de doutoramento *Gestão prática da fronteira e processos de identificação na raia central luso-espanhola*. Turismo surge como objeto de estudo secundário de avaliação conjunta dos impactos da abertura da fronteira, das políticas de cooperação transfronteiriça e de turistificação. Subcapítulo sobre o lugar da fronteira na criação de imagens e narrativas turísticas no concelho de Idanha-a-Nova. (Rovisco, 2011 e 2013).

Palavras-Chave: Fronteira | Contrabando | Identidade nacional

Projeto pós-doutoramento *Turismo e identificação nacional em Cabo Verde*. Este projeto visa contribuir para uma reflexão em torno das interseções entre o crescimento do turismo e os processos de imaginação nacional em Cabo Verde, centrando-se exclusivamente na perspetiva dos anfitriões (cabo-verdianos e imigrantes oriundos de países da CEDEAO). Ilhas de Santiago, São Vicente e Boa Vista.

Palavras-chave: Identidade nacional | Turismo | Souvenir | Artesanato

Área de estudo: Identidades, Representações, Turismo

Eunice Lopes

ESGT-IPT e CRIA/FCSH-UNL

Projeto *Objetos Identitários. Recursos Turísticos*. Em forte efervescência na contemporaneidade, o consumo turístico nos museus e o olhar suscitado pelos acervos e coleções ali representados, pressupõe um conjunto de interpretações habilitadas para a construção e consolidação de identidades locais, regionais e nacionais. Como apontado pela Organização Mundial do Turismo (OMT), o museu tem um papel decisivo na reafirmação das narrativas e significados históricos e culturais a apropriar pelos visitantes. (Discursos, motivações e experiências- Museu de Arte Sacra e Etnologia).

Projeto *Turismo, Património e Museologia Marítima*. A herança marítima projetada para o turismo, enquanto representação cultural, onde os usos da “patrimonialização do mar” se encontram fortemente interligados às tradições marítimas, granjeiam renovado interesse para a construção das imagens do turismo. As narrativas ligadas ao mar presentes na museologia marítima e os processos identitários que daí advêm, são entendidos, como referenciais na

preservação da memória das comunidades que aí se encontram integradas. (Discursos, motivações e experiências – Museu da Nazaré (Museu Dr. Joaquim Manso).

Projeto *Turismo Fluvial, Território e Identidade*. Rios e praias fluviais como base para a prática de atividades turísticas e consolidação de um produto turístico. (Discursos, motivações e experiências- Rio Zêzere).

Palavras-chave: Turismo | Património | Identidade | Museologia

Área de estudo: Turismo, Antropologia do Turismo, Património e Museologia

Frédéric Vidal

CRIA/ISCTE-IUL

A investigação desenvolvida tem por objetivo principal a análise dos contextos sociais e culturais de difusão de práticas de lazer e de turismo (ex. passeios, visitas, etc.) nas sociedades contemporâneas, e os seus efeitos na transformação do uso e perceção de espaços e territórios urbanos ou em via de urbanização.

Tendo como ponto de partida a análise da modificação da perceção usual de lugares que, com a difusão das práticas turísticas, adquirem outros valores e interesses, procura-se ilustrar e documentar a importância do turismo – um sistema complexo de atores, de usos e de interações – enquanto fonte de produção de espaços e de sentidos que acabam por se impor no imaginário coletivo.

Pretende-se também atender à relação entre turismo e vida quotidiana em contexto urbano, analisando a evolução das interações simbólicas e matérias entre o turismo (práticas turísticas) e os usos quotidianos dos espaços urbanos (práticas habitantes).

Palavras-chave: Práticas turísticas | Espaço urbano | Vida quotidiana | Perceções comparadas.

Área de estudo: Antropologia Urbana, Antropologia do Espaço, Identidades

Joana Lucas

LabexMed, Aix-Marseille Université e CRIA-FCSH/NOVA

Projeto *A dieta mediterrânica enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade. Para uma etnografia das suas práticas, impactos e usos turísticos em Portugal e Marrocos* (2015-2022) Partindo da classificação da “dieta mediterrânica” como Património Cultural e Imaterial da Humanidade (UNESCO,

2013) que abrangendo sete países (Portugal, Espanha, Marrocos, Grécia, Itália, Croácia e Chipre), este projeto tem objetivo mapear e discutir a história e a genealogia da patrimonialização da “dieta mediterrânica”, bem como dos processos decorrentes desta patrimonialização que se manifestam atualmente em Portugal (Tavira) e Marrocos (Chefchaouen).

Propõe-se responder às questões: que discursos são veiculados por diferentes grupos populacionais a respeito da patrimonialização da dieta mediterrânica, e qual o impacto desta patrimonialização a nível local e nacional? Que fenómenos turísticos surgiram, ou quais as vantagens turísticas, económicas e simbólicas desta patrimonialização para as populações? A tomada de consciência deste património, que levou ao pedido de atribuição desta classificação, é contemporânea de uma série de processos simultâneos, actualmente em curso, tais como a turistificação das suas práticas e a criação de festivais agroalimentares.

Palavras-chave : Dieta Mediterrânica | Património Imaterial | Turismo.

Área de estudo: Património, Alimentação, Patrimonialização, Turismo

Mariana Silva

Projeto *Lugares de Fronteira: Indústria, Cultura e Património* no âmbito do Programa de Doutoramento FCT em Antropologia – Políticas e Imagens da Cultura e Museologia - FCSH-UNL/ISCTE-IUL (2ª edição). Neste projeto pretendo analisar os processos contemporâneos de patrimonialização da atividade industrial, concretizados pela via dos museus e do turismo, num terreno de estudo ainda fortemente industrializado (S. João da Madeira, Aveiro, Portugal), propondo uma reflexão sobre o modo como estes se articulam com as políticas de construção da identidade local.

No campo do turismo, será analisado o projeto Turismo Industrial, constituído por um conjunto de circuitos turísticos industriais que têm como objetivo conjugar a preservação do espólio de arqueologia industrial do concelho com a divulgação das indústrias tradicionais e das novas indústrias tecnológicas e criativas, através de visitas a fábricas em laboração e a instituições complementares da atividade industrial.

Palavras-Chave: Indústria | Cultura | Património Industrial | Turismo Industrial

Área de estudo: Património e Identidades

Marta Lalanda Prista

O turismo tem sido um território particularmente útil em pesquisas centradas na análise das formas de espacialização de representações de identidade, cultura e passado, designadamente na investigação de doutoramento sobre os investimentos patrimoniais nas Pousadas de Portugal (2006-2011), e no projeto de pós-doutoramento em curso sobre representações de identidade e cultura através da arquitetura (2012-2017).

Palavras-Chave: Património | Identidade | Espaço | Consumo

Área de estudo: Antropologia do Turismo, Antropologia do Espaço

Raquel Moreira

ESHTE e CRIA/FCSH-UNL

Abordo o turismo na sua relação com a gastronomia e com processo de transformação da alimentação em contextos locais decorrentes da atividade turística.

Levantamento do Receituário e das Tradições Gastronómicas do Concelho de Cascais, CMCascais/ESHTE, em curso. Coordenação do Projeto.

Pesquisa sobre Tendências Gastronómicas e Modificações Recentes na Cidade de Lisboa, II Conferência Internacional Turismo e História, Univ. do Algarve, Faro, 2016 e Colloque International Imaginaires de la Gastronomie, Univ. d'Angers/Univ. do Québec em Montréal, Montréal, 2014 (em publicação).

Estudo sobre as Origens e as Influências da Gastronomia do Concelho de Almada, ESHTE, 2013. Membro da equipa.

Inovar e Valorizar as Tradições Alimentares Enquanto Percursoras da Conservação da Natureza e do Desenvolvimento Local em Alcácer do Sal, 2001-2005. Membro da equipa. (Moreira, 2004 e 2006; Joaquim & Moreira, 2006).

Palavras-chave: Gastronomia | Turismo | Identidade | Património

Área de estudo: Antropologia da Alimentação, Antropologia e Património, Turismo

Sandra C. S. Marques

ISCTE-IUL

Investigação realizada na Índia (Kolkata (Calcutá), estado de West Bengal) em que aborda a estreita relação entre os fenómenos Imagens e Turismo, contribuindo para o estudo alargado das práticas de turismo internacional através da análise

dos modos de desempenho das histórias visuais e verbais contadas, enquanto tecnologias representacionais e de inscrição material da “expressão da experiência vivida” no âmbito do turismo internacional. Especificamente, documenta e analisa as práticas de turismo internacional em, Índia, examinando os modos de desempenho das imagens visuais e textuais enquanto mediadores da experiência turística e das relações Turista/Anfitrião. Aplicação de metodologias visuais reflexivas, assumindo como primordial a utilização do *Photovoice*.

Palavras-chave: Turismo internacional | Imagens | Índia | Relações turista/anfitrião

Área de estudo: Antropologia visual, Experiência turística

Sofia Sampaio

CRIA

Análise do turismo através da literatura (romances italianos de E.M. Forster) (Sampaio, 2012).

Análise da relação entre narrativas cinematográficas, discursos sobre o turismo e práticas turísticas, em contextos transnacionais. (Sampaio, 2014; Sampaio et al. 2014).

Projeto exploratório “Atrás da Câmara: Práticas de visualidade e mobilidade no filme turístico português” (EXPL/IVC-ANT/1706/2013), continuando a abordagem da relação entre o turismo e a visualidade, agora num contexto nacional.

Projeto atual (FCT) (2013-2018) segue a mesma linha de investigação, procurando mobilizar “researcher-found visual data” (Feighery 2010, 81), no quadro de uma reconceptualização metodológica do arquivo de imagens em movimento (Sampaio 2015), que pretende rever o conceito de tourist gaze (Urry 1990) e contribuir para o estudo crítico do turismo em Portugal. Mostra de filmes “Viagens, olhares e imagens: Portugal 1910-1980” (8 sessões, janeiro a julho de 2016).

Palavras-chave: Turismo | Visualidade | Imagens em movimento | Práticas.

Área de estudo: Antropologia

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun, 2004, Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa: Teorema.

CARDEIRA DA SILVA, Maria (coord.), 2004, Outros Trópicos. Novos Destinos Turísticos. Novos Terrenos da Antropologia, Lisboa, Livros Horizonte.

JOAQUIM, Graça, 2015, Viajantes, Viagens e Turismo. Narrativas e Autenticidades, Lisboa, Mundos Sociais.